

CLEIDE FÁTIMA CARVALHO

Ilar Garotti:
VIDA, FORMAÇÃO E RELIGIOSIDADE

UBERLÂNDIA, MG

2007

CLEIDE FÁTIMA CARVALHO

Ilar Garotti:

VIDA, FORMAÇÃO E RELIGIOSIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Sônia Maria dos Santos.

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

UBERLÂNDIA, MG

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- 331i Carvalho, Cleide Fátima, 1966-
 Ilar Garotti : vida, formação e religiosidade / Cleide Fátima Carva-
 lho. - 2007.
 170 f. : il.
- Orientadora: Sônia Maria dos Santos.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Pro-
 grama de Pós-Graduação em Educação.
 Inclui bibliografia.
1. Garotti, Ilar, 1960- - Teses. 2. Educadores - Uberlândia (MG) -
 Teses. I. Santos, Sônia Maria dos. II. Universidade Federal de Uberlândia.
 Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37.011.31(815.12*UDI)



Eu bem sei que ...

**É preciso continuar, eu não posso continuar,
é preciso pronunciar palavras enquanto as há,
é preciso dizê-las até que elas me encontrem,
até que me digam ... estranho castigo,
estranha falta, é preciso continuar,
talvez já tenha acontecido,
talvez já me tenham dito,
talvez me tenham levado ao
limiar de minha história,
eu me surpreenderia
se ela se abrisse.**

(FOUCAULT, 1996, p.6)

BANCA EXAMINADORA

Dra. Sônia Maria dos Santos – Orientadora
PPGE – FACHED/UFU

Dr. Geraldo Inácio Filho
PPGE – FACHED/UFU

Dr. Sérgio Pereira da Silva
UFG – Campus Catalão

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me proporcionado tamanhas provações, crescimento e amadurecimento neste período. Por abrir e orientar novos caminhos, pela minha história e pelos muitos sonhos a serem realizados.

Ao meu companheiro pela motivação, pelo suporte, pela fé e paciência nos momentos difíceis.

Aos meus filhos, presentes de Deus, pela grande ajuda, amor e compreensão.

À Prof.^a Sônia por ter me auxiliado na busca do conhecimento científico. E, pelas marcas que deixou na minha vida pessoal e profissional.

Aos professores Dr. Geraldo Inácio Filho e Dr. Sérgio Pereira da Silva pela leitura cuidadosa, orientações e sugestões precisas para a conclusão desse estudo.

À Ilar Garotti pela concessão das entrevistas pela presteza ao me receber e por compartilhar este projeto que revela de forma singular suas vivências, experiências e sua história de vida.

Ao Osmar, pela amizade, pela leitura atenta do texto, pelas dicas importantes e pela contribuição coerente na consecução deste trabalho.

Aos Amigos: Carlos Edinei, Waldilena, Manoel, Zilda, Admário, Sandra, Sérgio, Renata, Ana Emília, Tânia Cristina, Flávio, Vanessa, Michele, Kátia, Júlio, Ilsa, Andréia, José, Ângela, Alexandre e Leni, pelo ombro amigo, pelos momentos compartilhados, pelo apoio preciso e pela presença que ficará para sempre guardada em minha memória.

Aos técnicos Carlos, James e Geane pela grande ajuda, presteza e paciência.

Aos meus Irmãos, Cunhadas e sobrinhos, pelos momentos de compreensão, alegria, lazer, carinho e companheirismo que juntos desfrutamos.

À Adelaide minha mãezinha na vida terrestre pelas orações, cuidados, amor e apoio nessa caminhada.

Aos Amigos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia pelo apoio e afeto expressado nos abraços, palavras e ações.

Aos amigos internautas, que nos momentos de desespero, solidão e angústia me fortaleceram enviando mensagens e palavras de conforto.

À PROREH pela liberação parcial, que foi fundamental para a realização do Mestrado.

Às pessoas que sabem que foram verdadeiros Mestres em minha vida, dos quais me apoiaram, me fortaleceram e fizeram com que eu me tornasse um ser humano melhor.

Enfim, a TUDO e a TODOS, o meu Muito Obrigada!

RESUMO

Este estudo aborda as nuances da vida de Ilar Garotti, bem como as representações de suas vivências. Nesse processo, as histórias da pesquisadora e da narradora conotaram a importância da formação na vida do sujeito e como as escolhas refletem e interferem na vida pessoal e profissional de cada uma. Assim, através da narrativa de Ilar Garotti, foram tecidos fragmentos representativos da história do ser professora, religiosa, a formação de professores e a influência do discurso religioso e da mídia no cotidiano da educação. Neste estudo desvelou-se alguns aspectos da trajetória desta educadora, buscando, pelas condições sócio-históricas, descortinar as suas escolhas e ações no interior do campo educacional. Através da História Oral, buscou-se analisar e escrever sobre a vida de Ilar Garotti. Nesse processo, tentou-se compreender como uma vida se constitui por meio de diferentes e inúmeras experiências que explicitaram historicamente, apontando para as condições nas quais elas se produziram e reproduziram nas redes de sociabilidade nas quais se inscreveram. O objetivo principal deste estudo foi investigar, em meio às interfaces do cotidiano, aspectos simbólicos e singulares que pudessem auxiliar a revelar a história de vida da professora, bem como suas contribuições para o processo educacional de Uberlândia – Minas Gerais. Certamente, aqui, não foi possível e nem era pretensão deste estudo esgotar e revelar todas as questões da trajetória pessoal e profissional de Ilar Garotti, tarefa impossível em qualquer perspectiva que se adote. Mas acredita-se que, através de sua narrativa, pôde-se abordar os aspectos que foram significativos na sua trajetória no campo educacional, na interseção com sua experiência religiosa e feminina, como fio a conduzir e costurar o relato de sua vida. Esses aspectos têm, no sentido interpretativo, uma intrínseca relação dos acontecimentos vividos, do seu compromisso com a educação e com o discurso religioso no cotidiano da educação feminina.

Palavras-chave: vida, profissão docente e religiosidade

RESUMEN

Este estudio aporta aspectos de la vida de Ilar Garotti, bien como las representaciones de sus vivências. En ese proceso, las histórias de la pesquisadora y de la narradora conllevan la importância de la formación en la vida del sujeto y como las elecciones reflejan e interfieren en la vida personal y profesional de cada uno. Así, a través de la narrativa de Ilar Garotti, fueron tecidos fragmentos representativos de la história del ser profesora, religiosa, la formación de profesores y la influência del discurso religioso y de los medios de comunicación en el cotidiano de la educación. En este estudio se develou algunos aspectos de la trayectoria de esta educadora, buscando, por las condiciones sócio-históricas, por así aclarando sus elecciones y acciones en el interior del campo educacional. A través de la História Oral, se buscou analizar y escribir a respecto de la vida de Ilar Garotti. En ese proceso, hemos intentado comprender como una vida se constitui por medio de diferentes y inúmeras experiências que explicitaron historicamente, apuntando a las condiciones en las cuales ellas se han producido y reprodujeron en las redes de sociabilidad en las cuales se inscribieron. El objetivo principal de este estudio fue investigar, en medio las interfaces del cotidiano, aspectos simbólicos y singulares que pudiera auxiliar a desvelar la história de la vida de la profesora, bien como sus contribuciones para el proceso educacional de Uberlândia – Minas Gerais. Ciertamente, aquí, no fue posible y ni era pretensión de este estudio finar y revelar todas las cuestiones de la trayectoria personal y profesional de Ilar Garotti, tarea imposible en cualquier perspectiva que se adopte. Mas se cree que, a través de su narrativa, se puede aportar los aspectos que fueron significativos en su trayectoria en el campo educacional, en la intersección con su experiência religiosa y femenina, como fio a conducir y coser el relato de su vida. Esos aspectos tienen, en el sentido interpretativo, una intrínseca relación de los acontecimientos vividos, de su compromiso con la educación y con el discurso religioso en el cotidiano de la educación femenina.

Palabras-claves: vida, profesión docente y religiosidad

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Família Garotti – Avós Romano Garotti e Maria Balducci	37
Figura 2 - Egidio (pai), Ângela (mãe). Irmãos: Ivoni, Iversen, Ivan, Ivar e Ilar	38
Figura 3 - Colégio Sagrado coração de Jesus – 1ª série e Formatura de Normalista	39
Figura 4 - Instituto complementar São José – Campinas - SP	40
Figura 5 - Diretora da Faculdade de Filosofia.....	41
Figura 6 - Conselho Diretor da UFU	45
Figura 7 - Secretária Municipal de Educação.....	49
Figura 8 - A família, seus irmãos: Ivoni, Iversen, Ivan e Ivar.....	51
Figura 9 - Residência em Jardinópolis	52
Figura 10 - Formatura da 4ª série	57
Figura 11 - Instituto Complementar São José – Campinas – São Paulo	58
Figura 12 - Noviciado em Campinas.....	59
Figura 13 - Faculdade de Filosofia.....	70
Figura 14 - Ministro da Educação Ney Braga, Ir. Odélcia Leão Carneiro e Ilar Garotti	71
Figura 15 - Ilar Garotti e Rondon Pacheco.....	72
Figura 16 - Homenagens recebidas no ano 2000 Cidadã Uberlandense e Título de educadora do ano 2000	81
Figura 17 - Colégio Sagrado Coração de Jesus – Cruzada Eucarística	93
Figura 18 - Lembrança da Profissão religiosa	98
Figura 19 - Profissão religiosa - Ângela (mãe), Dom Agnelo, Ilar, Ida, Pe. Tomaz....	101
Figura 20 - Odélcia Leão Carneiro e Ilar Garotti	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
 CAPÍTULO I	
ILAR POR ILAR.....	37
1.1 – A construção de uma história de vida.....	37
 CAPÍTULO II	
ILAR GAROTTI: A PROFISSÃO DE PROFESSORA.....	55
2.1 – Caminhos de formação da narradora	55
2.2 – A formação docente: o contexto histórico	60
2.3 – Teias do contexto político geral para tornar-se professora.....	66
2.4 – Caminhos trilhados pela professora na cidade de Uberlândia.....	69
 CAPÍTULO III	
A RELIGIOSIDADE DE ILAR	89
3.1 - A vida na história: a história da vida religiosa	89
3.2 – A influência da educação confessional na vida de Ilar.....	92
3.3 – Ilar na construção da vida religiosa	97
3.4 - O discurso e o poder da Igreja na vida de Ilar.....	109
 CAPÍTULO IV	
AS DESCOBERTAS	115
4.1 – O dizer e o não dizer: faces de uma mesma moeda.....	115
4.2 – Histórias de vida que se cruzam	124
4.3 – Tecer considerações finais: não significa terminar uma história de vida.....	129
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
 ANEXO I – Roteiro da Entrevista	141

ANEXO II - Carta de Cessão.....	142
ANEXO III - Palestra em agradecimento ao Título de Cidadã uberlandense.....	143
ANEXO IV - Histórico da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (Elaborado a partir do Livro do Tombo)	148

INTRODUÇÃO

O autor é aquele que dá a inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real (FOUCAULT, 1996, p. 28).

Esta pesquisa buscou investigar a trajetória de vida da professora e religiosa Ilar Garotti, que esteve inserida no processo de ensinar, aprender e gerir do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, na Faculdade de Filosofia-FAFI, na Universidade Federal de Uberlândia-UFU e na rede municipal de ensino de Uberlândia.

Ao narrar suas vivências, permeadas pelas significações sociais e pelas experiências de vida, expressou o passado e o presente, proporcionando a compreensão da objetividade e subjetividade de suas escolhas. Desse modo, produziu-se conhecimento do contexto sócio-político, econômico, cultural e educacional que influenciaram a educação, a formação e atuação de Ilar.

Construir esta história foi uma tarefa que revelou como é difícil ser pesquisadora, visto que a estrutura, funcionamento e manutenção dos arquivos estão fragilizados e fragmentados. As informações apresentam-se isoladas, a documentação é escassa e desorganizada. Foi possível constatar que “[...] há falta de preparo e de preocupação com a atividade arquivista e com a própria informação, fundamental não apenas para estudos historiográficos como também para o planejamento educacional” (INÁCIO FILHO, 2002, p.43).

A falta de consciência da importância e preservação do patrimônio educacional para a manutenção da identidade escolar tem dificultado desvelar a história, o que na maioria das vezes obscurece a pesquisa acadêmica. Essa dificuldade gerou na pesquisadora angústia, impotência e inquietação. Assim, “[...] todos os que têm alguma experiência com pesquisa em arquivos conhecem as precárias condições em que eles se encontram. Caixas com documentos importantes misturam-se a restos de cortinas, cadeiras quebradas e muitos ácaros” (BUFFA, 2002, p.26).

Não tendo sucesso nos arquivos, decidiu-se revelar esta história via memória de Ilar Garotti, que desenvolveu toda sua profissão na cidade de Uberlândia. Ela teve um

papel singular e extremamente importante nos rumos da educação destinada à sociedade local. Este processo foi construído pelo contexto vivido e experienciado, a partir dos aspectos que marcaram a construção de seus conhecimentos, idéias e ideais, no qual evidenciaram suas representações acerca de sua vida pessoal e profissional.

Segundo Saviani (2004), a história de vida de cada pessoa é parte do legado cultural universal. Os relatos de experiências vividas por todo e qualquer indivíduo, quando integrados em rede, são transformados em informação e conhecimento.

Essa crença com relação às narrativas tem possibilitado uma outra forma de se pensar e fazer a história o que, conseqüentemente, tem proporcionado novas perspectivas de presente e futuro para as pesquisas nessa área. Para realizar esta dissertação, utilizou-se a pesquisa qualitativa. Por meio dessa abordagem pôde-se construir uma relação dinâmica e interpretativa entre o mundo histórico e o sujeito, o que possibilitou criar um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e o subjetivo, isto é, entre as ações produzidas e toda carga de sentimentos e expectativas existente no modo de ser e fazer de Ilar.

Nesse sentido, os conhecimentos sobre história de vida, construídos pela pesquisadora foram instrumento-chave para o andamento deste estudo, pois foi necessário aprender a ouvir, compreender, valorizar os silêncios, as emoções, as palavras não ditas, ter respeito pelas idéias da narradora, ser reflexiva e utilizar o rigor científico na análise dos dados coletados para uma boa condução da pesquisa.

A vida é multifacetada, um mosaico que, ao juntarmos as partes, se aproxima do todo, pois não há um método único que abarque toda história. Dessa forma, acredita-se que o cotidiano é incerto, pode ser alterado a qualquer hora, pela dinâmica que é a vida. Sendo assim, o ser humano é singular, transforma-se e constrói sua identidade.

Nesse contexto, o êxito da entrevista foi decorrente do processo deste estudo, que começou antes mesmo da realização da pesquisa. Os primeiros contatos foram estabelecidos por uma conversa preliminar, fase importante para deixar claro o propósito do estudo, da relevância do depoimento e, assim, criar um clima de confiança, respeito e compromisso entre a pesquisadora e a narradora.

Dessa forma, foi revelado à narradora os objetivos desta pesquisa e os fins a que se destina, além de esclarecer sobre as implicações contratuais do depoimento, que se

materializou a partir do momento em que a narradora assinou o documento de cessão de direitos sobre a entrevista, concordando em disponibilizá-la para ser consultada.

Após estabelecer uma relação de cordialidade e, conseqüentemente, de confiança entre as partes, o processo vivenciado foi adquirindo transparência, o que contribuiu de forma significativa para que a narradora cedesse documentos e fotos de seu arquivo pessoal à pesquisadora.

Nesse sentido, foi importante compreender que as pessoas são diferentes, e que cada uma tem seus valores, versões, interpretações e suas próprias maneiras de ser, de pensar, agir e de se expressar. Assim, pôde-se compreender que a narradora tem seu próprio tempo de aprendizagem que é completamente diferente ao tempo da pesquisa e da pesquisadora e coube somente a ela revelar o que acredita ser a sua história.

Nessa perspectiva, o material colhido nas narrativas revelou fatos sociais importantes dos contextos vividos, assim como descortinou sua representação do real, expressado nas suas crenças e nos modos como realizou seu trabalho tanto nos campos da religiosidade como no de professora, atribuindo sentido às suas ações.

A representação para Chartier (1991) adquire o status de romper com aspectos tradicionais das pesquisas em educação, utilizando problemas centrados na atividade humana, tais como a subjetividade, as opiniões, experiências, hábitos, costumes, culturas, crenças, valores e vivências nas ações coletivas e individuais, privilegiando, assim, as análises das singularidades locais e regionais, buscando inter-relações com a história, construindo a percepção do contexto.

Encontramos em Chartier (1991) suporte para a compreensão da representação da narradora diante da vida. Para compreender as leituras de mundo que Ilar possui foi importante conhecer a posição que ela ocupa na sociedade. Pois, cada sujeito constrói o seu ponto de vista a partir de suas vivências, a partir do que representa, das suas relações de poder e de como percebe, interpreta e se apropria da realidade. Pode-se construir, assim, várias leituras sobre um determinado contexto, os seus contornos, os significados, as regras, além de compreender a participação e as atitudes dos indivíduos sobre o contexto estudado. Para o autor,

[...] as representações do mundo social, que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, op.cit., p.19).

Nesse aspecto, com auxílio do relato oral, foi possível esclarecer dúvidas e questionamentos da vida de uma religiosa e professora, bem como dar significado à história construída. Assim, compreender o espaço e o tempo, produzir conhecimento, promover o acesso a vários públicos, onde o conhecimento produzido não estará pronto e acabado, ainda haverá um outro olhar para dar continuidade às descobertas, construindo uma pluralidade de apropriações, propondo um intercâmbio do mundo do texto com o mundo do leitor, ressignificando-o.

O caminho metodológico escolhido: História Oral

A História Oral foi escolhida e utilizada como metodologia para realizar este estudo. Ela é tão antiga quanto a própria história, pois foi a primeira espécie de história. Através dela pode-se oferecer meios para a transformação do sentido social da história, porque alarga seu campo de ação, fazendo história dos líderes da sociedade e das pessoas comuns.

A realidade é complexa e é constituída de várias interfaces, por isso é necessário esgotar o nosso objeto de estudo. Se há pouca fonte documental ou lacunas nas fontes existentes, é essencial fazer a fonte falar, trazer à tona aquilo que muitas vezes foi silenciado, acordar documentos adormecidos nos arquivos particulares e, assim, promover estudos mais amplos e profundos num processo dialógico de estudo.

No percurso de pesquisadora, as pedras e os desafios foram companheiros constantes, o tempo, os horários, as pessoas, os compromissos, o local de trabalho, e o mais imprescindível de todos, os arquivos documentais. A precária situação dos acervos documentais dos arquivos tem dificultado muito os processos de investigação. As documentações se encontram dispersas, sem qualquer acondicionamento, deteriorando-se, sendo perdida e/ou extraviada.

A busca de documentos no Arquivo Geral da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, para construir o corpus desta Dissertação, defrontou com a falta de documentação, com caixas quase vazias, contendo documentos vagos. Além do mais, o

Arquivo da UFU se encontrava em 2006, em fase de estruturação e mudança para um outro local mais amplo e no processo de reorganização e mudança para um local maior. Muitas prateleiras estavam inacessíveis, pois foram empilhadas caixas em frente às mesmas impossibilitando o acesso.

Sendo histórica, a memória e oralidade não se desvinculam, pois são expressões da realidade vivida, ela não é só individual, mas é também coletiva, porque tem um aspecto social que se constrói a partir de um momento de vivência e convivência em sociedade. Optou-se pela narrativa da história.

Segundo Alberti (2004), a produção científica pioneira da História Oral em nosso país foi a do Centro de Pesquisas e Documentações – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, a partir dos meados de 1970, período marcado pela ditadura militar, quando a censura fazia calar, as vozes eram silenciadas em nome da ordem. Assim, a História Oral possibilitou o emergir de vozes silenciadas. Na época, esta era a única fonte de pesquisa acadêmica em que os subjugados, subordinados e excluídos do poder poderiam se expressar.

A História Oral dá visibilidade aos estudos culturais, às estruturas sociais e aos processos históricos, por meio de conversas com pessoas sobre suas experiências e os impactos que estas tiveram em suas vidas. O indivíduo representa a realidade como um mosaico em que há pedaços diferentes, contudo, quando reunidos, busca-se a coerência entre os fatos e a possibilidade de compreender as transformações de uma época, das quais esses indivíduos foram atores ou testemunhas.

Verifica-se que há uma inesgotável riqueza nos depoimentos orais, pois estes não são só informativos, há um encadeamento dos fatos que dão suporte à pesquisa, por meio do qual se reconstrói uma história. A investigação que utiliza a História Oral tem propiciado a compreensão dos conceitos de cultura, porque o pesquisador e o narrador se apropriam, por meio do diálogo, de valores, tradições, regras e hábitos. A cultura permanece viva e com significativa importância no processo de formação do indivíduo e dos comportamentos sociais.

A fonte oral é também uma forma de aproximação do objeto de estudo e de compreensão da realidade. Assim, compreende-se que a educação é formada no contexto das relações vivenciadas pelos sujeitos nela envolvidos. Nesse sentido,

compreender os contextos de uma determinada época ampliou de forma significativa a visão das partes e do todo.

Na trajetória da pesquisa fui surpreendida e instigada a desenvolver um projeto de estudo que tinha como objetivo analisar a história de vida de uma pessoa. Nesse processo descobri um lado fascinante para meu aprendizado pessoal e profissional, mas ao mesmo tempo policiado pelos cânones da academia. Foi um período de briga pessoal e intelectual para construir um texto aceitável cientificamente e não enveredar pelos caminhos da poesia.

Todos nós produzimos histórias, somos moldados pelo passado, trabalhamos esse passado que nos molda. O passado não é a vivência do presente, mas sim sua fonte e, através da narrativa oral, pode-se construir uma história de vida e diminuir a distância do passado e do presente, pois, “[...] ao deixar cair a barreira que separa o presente e o passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol” (BOSI, 1987, p.89).

Dessa forma, recuperar os registros, que compuseram a história de vida de Ilar Garotti, descortinou singularidades que só foram possíveis porque optou-se pela História Oral, pois possibilitou revelar e registrar, aspectos pessoais e profissionais de sua vida. Além do que possibilitou um processo de reflexão da trajetória de vida da pesquisadora que vem trilhando caminhos em busca de histórias e nelas o aprendizado.

Essas histórias começaram com minha própria história. Dessa forma, rever o passado proporcionou a esta pesquisadora uma retomada dos saberes construídos nos caminhos da educação e da religião que refletiram sobre a formação humana, cultural e intelectual. Assim, a história de vida de Ilar Garotti, por ser única, também possibilitou compreender suas escolhas, seu modo de ser, agir e pensar.

A história tem mostrado que os seres humanos produzem conhecimento ao longo de sua historicidade, e que esse conhecimento pode ser repassado na sua dimensão social e nos diferentes processos de socialização. Acredita-se que esses fatores constituem a concepção de mundo, de homem e de mulher, considerando tanto o conjunto das relações sociais, quanto a própria dinamicidade do momento histórico e da educação vivenciada pelo sujeito.

Nesse sentido, analisou-se aqui a constituição de um sujeito histórico que, ao longo de sua vida, fez opções, as quais possibilitaram experimentar e vivenciar uma

série de conhecimentos tanto para a vida religiosa como para a vida de professora. Assim, buscou-se apreender, com a narrativa, como foi sua infância, adolescência, maturidade, os caminhos escolhidos e percorridos, os quais auxiliaram na construção de seus saberes, e como ao longo de sua vida pôde colocar em prática todo conhecimento acumulado nas diferentes instituições confessionais e laicas em que estudou e trabalhou.

O objetivo geral deste estudo foi investigar a História de vida da religiosa e professora Ilar Garotti e, como específicos, analisar como foi sua infância, adolescência e maturidade. Revelar suas escolhas pessoais e profissionais proporcionou compreender quais os aspectos que marcaram a construção de seus conhecimentos, bem como as contribuições e serviços prestados à Educação no Município de Uberlândia-MG.

Este estudo utilizou como alicerce as ferramentas metodológicas da História Oral, as quais foram fundamentais para conhecer uma parte da história educacional de Uberlândia. Acredita-se que a História Oral é uma alternativa metodológica que tem auxiliado diferentes estudiosos e pesquisadores a apreender o ofício de ser professor, baseado nas suas práticas, reflexões e representações.

Neste caso, Santos (2001) afirma que a utilização de fontes orais pelos pesquisadores parte, pelo menos de dois pressupostos: primeiro que o resgate do vivido, do experimentado, é um instrumento efetivo de recriação da realidade social. Em segundo lugar, que constitui uma alternativa mais aberta, possibilitando às pessoas terem não apenas um lugar na história, mas, sobretudo, um papel importante na produção do conhecimento, criando-se, assim, uma política de valorização docente.

O encontro direto entre o sujeito que investiga e o objeto investigado redimensiona o enfoque da pesquisa. Assim,

[...] a história oral é construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. E oferece meios para uma transformação radical do sentido social da história (THOMPSON, 1998, p.44).

Acredita-se que, com a História Oral, pôde-se construir um caminho extremamente rico para se desvendar questões pessoais e históricas, além de possibilitar novas problemáticas e formas de análise e interpretação da história. Por meio da narrativa oral pode-se resgatar o papel do sujeito enquanto agente social no contexto em

que vive. Assim, pôde-se compreender a riqueza que a História Oral de vida nos oferece.

Dessa maneira, Josso (2004) em sua obra mostra um caminho diferente para a descoberta da singularidade do narrador e do pesquisador. Afirma que a formação e a experiência ajudam a constituir a identidade de cada um e que é importante a centralidade do sujeito-aprendente em todo o processo de pesquisa. Ela valoriza a análise do percurso de vida do pesquisador e a maneira como caminha para si mesmo para clarificar o modo como o sujeito aprende. Ela faz a ligação entre os saberes e a vida que levam à busca do conhecimento para que possa privilegiar e melhorar aquele que labutou na construção da pesquisa.

Dessa forma, quando o pesquisador faz uma reflexão sobre o modo como busca o conhecimento, toma consciência das experiências em que cada um vive, tira lições e aprende com a experiência do outro, a partir daí pode ressignificar as próprias experiências, pois é sujeito e objeto da formação. É importante ressaltar que o pesquisador também narra o que marcou significativamente a sua existência.

Assim, cabe a cada sujeito transformar em formação os conhecimentos que adquiriu. Aprender com a experiência do outro é um exercício de auto-reflexão que pode aperfeiçoar os conhecimentos e qualificar as competências do sujeito.

Mesmo se tratando de história de vida em que há sentimentos e emoções e por se tratar de grande parcela de subjetividade, esta pesquisa não perde sua objetividade, visto que no seu processo não se negligenciou do cuidado metodológico e do uso do conhecimento produzido e das normas para sua legitimação.

Nesse processo de construção de si e do outro, compreende-se que esta perspectiva de reflexão sobre o processo de formação, articulada às histórias de vida, faz pensar e rever as experiências e os dispositivos que influenciam o sujeito na formação. Fatores esses que levam à autoformação e à construção de sua identidade.

Esse modo de pensar contribui para que o sujeito tenha uma compreensão “[...] sobre o que é a formação e sobre o lugar que nela ocupam as experiências ao longo das quais se formam e se transformam as nossas identidades e a nossa subjetividade” (JOSSO, op. cit., p.37). Dessa forma, esse processo enriquece a narradora e a pesquisadora, pois neste estudo há uma história singular da narradora e da pesquisadora e que pela pesquisa reproduzem o seu auto-retrato.

Portanto, o sujeito narra as histórias que simbolizaram a sua compreensão dos fatos significativos que foram vivenciados. Para essa mesma autora, “As experiências de que falam as recordações - referências constitutivas das narrativas de formação, constam não o que a vida lhes ensina, mas o que aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2004, p.43).

Assim, as histórias de vida possibilitaram à narradora e à pesquisadora uma oportunidade de expressar as fases de uma vida. Isso se configura, também, como uma forma de articular as experiências contadas, evidenciando o itinerário escolar, pessoal, profissional e as experiências que deixaram marcas significativas nas suas vivências.

Este estudo baseou-se nas teorias de Thompson (1998); Bosi (1987); Alberti (2004); Josso (2004); Chartier (1991); Foucault (1975/1996); e nos diálogos com diferentes autores, tais como Szymanski (2002); Minayo (1996); Fenelon (2004); Ferreira & Amado (1998); Felgueiras (2005); Inácio Filho (2002); Pinsky (2005); Romanelli (2002); Penteado (1998); Ribeiro (2003); Chizzotti (2003), tendo como base a fonte oral através da narrativa de Garotti.

Escolheu-se, para a análise do discurso neste estudo, as teorias de Foucault, que afirma que os rituais da palavra, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais, “A maior parte do tempo, eles se ligam uns aos outros e constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discursos e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos” (FOUCAULT, 1996, p.44).

Dessa forma, a interpretação exige o olhar cuidadoso para a fonte que vem da memória, ou de como as pessoas ressignificam e representam suas experiências a partir de suas próprias interpretações. O narrador revela o que lhe foi significativo, assim, entende-se a fonte oral como uma possibilidade de construir história com o auxílio de seres humanos e a oralidade.

Segundo Thompson (1998), a valorização da História Oral se deu após a II Guerra Mundial, quando houve ascensão de grupos ou classes que contribuíram com suas narrativas para o conhecimento de um outro olhar sobre a história. Ocorreu, assim, a conquista de espaços que possibilitaram uma reflexão em relação ao presente e ao passado, complementando os dados dos documentos da história, além de resgatar a vida cotidiana dos indivíduos.

A História Oral, desse modo, torna-se a construção em torno de pessoas que podem ser líderes importantes no contexto histórico, de grupos ou classes sociais e também de pessoas desconhecidas da maioria. Ferreira & Amado (1996) relatam que foi na década de 1970 que a História Oral se tornou mais sistematizada, através da realização de encontros internacionais.

No Brasil, a História Oral foi introduzida nos anos 1970, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), que obtinha depoimentos de líderes políticos, os quais atuaram a partir de 1920. Esse processo promoveu uma nova experiência na construção da fonte oral. Mas somente a partir dos anos de 1990 é que a História Oral passou a ter maior credibilidade. Isso foi possível após inúmeros seminários e cursos que discutiram esse tema, intercambiando experiências e crenças com os pesquisadores do exterior, o que consolidou na constituição da Associação Brasileira de História Oral - ABHO.

Portanto, para conseguir desvendar a história, as fontes são fundamentais, senão essenciais. Atualmente temos várias fontes, o que ampliou os campos metodológicos de pesquisa. Os historiadores trabalham com fontes, e cada uma tem uma perspectiva. Há um variado elenco de estratégias a que os pesquisadores recorrem para a consecução dos objetivos de suas pesquisas, sendo que é importante, nesse processo, dialogar com a realidade plural.

Fonte é tudo que possa transmitir informação sobre algo, alguém ou algum tema, é uma ferramenta, um meio. Segundo Moraes, Zaia & Vendramento (2005), dentre as fontes mais conhecidas pelos historiadores, temos as documentações oficiais, relatórios, atas, documentos escolares, jornais, arquivos públicos, museus e literaturas.

Com a constante busca em compreender a realidade, tem-se buscado superar as fontes tradicionais com novas formas de elucidar os contextos estudados. Dentre as várias fontes existentes se destacam as imagens, a iconografia, índice de livros, arquitetura, currículos, fontes audiovisuais, fontes fílmicas, fonográficas, televisuais, imprensa, periódicos e fontes orais, dentre outras, que compõem um manancial no desafio de desvendar a história.

Nessa perspectiva, é imprescindível que os arquivos sejam organizados, preservados e abertos para a pesquisa: “[...] O processo de mapeamento e organização dos arquivos implica o permanente diálogo do pesquisador (e de sua teoria) com as fontes documentais” (MORAES, ZAIA & VENDRAMENTO, 2005, p. 125).

Mas, com a situação precária dos acervos, muitos documentos estão em mau estado de conservação, devido às instalações inadequadas, ao mau acondicionamento, desorganização e dispersos em locais diferentes. Há também a eliminação indiscriminada de documentos por parte das pessoas que deles tomam posse, o que favorece ainda mais o surgimento de lacunas na história. Em muitos arquivos não há um profissional capacitado e envolvido na manutenção e conservação de documentos. Então, para resgatar o passado precisa-se de fontes. Não só dos arquivos, mas também de pessoas que, através de suas recordações, podem auxiliar a interpretar as lacunas da história através da fonte oral.

A História Oral é essencialmente qualitativa, pois trabalha com a subjetividade dos indivíduos, ouvindo o que as pessoas têm a dizer sobre fatos, sentimentos, opiniões, explorando suas idéias e preocupações sobre determinado assunto, numa interação face a face, num intercâmbio de valores, crenças, construindo uma representação daquele momento vivido. Assim, “[...] é um momento de construção de um novo conhecimento nos limites da representatividade da fala e na busca da horizontalidade das relações de poder” (SZYMANSKI, 2002, p. 14).

Dessa forma, vale ressaltar a importância do método, pois este ajuda na definição de instrumentos e procedimentos e como forma de compreender o objeto pesquisado, pesquisar as suas minúcias, questionar, interpretar e cruzar as fontes com o contexto. A linguagem é uma representação do momento vivido, o pesquisador é um mediador que enxerga, através das fontes segundo as suas significações, as transformações e mudanças no passado. Esses aspectos possibilitam uma leitura contextual, pois a realidade é complexa e multifacetada.

Com a ampliação dos campos de pesquisas, é imprescindível que o pesquisador estabeleça um cuidadoso diálogo com as fontes. Pois, as narrativas são representações, que podem ser ideológicas ou estratégicas, do que se quer dizer num dado momento para pessoas específicas, para tornar sensacional um acontecimento, ou para registrar um momento que para o narrador foi significativo. As fontes podem ser usadas também, como um dispositivo, no sentido de reproduzir algo. Assim, compreende-se que “[...] as estruturas do poder modelavam o passado à sua própria imagem” (THOMPSON, 1998, p.23).

Um bom exemplo dessa questão são as alterações ou manipulações de documentos, por meio das quais os fatos são camuflados. É importante indagar quem os produziu. As fontes direcionam e controlam o que se quer divulgar. Nesse aspecto, elas podem omitir ou remontar fatos, fotos e documentos, moldando a história conforme os interesses das pessoas que estão no poder. Detecta-se, assim, a importância do confronto das fontes, averiguando a sua autenticidade. Por isso, torna-se importante indagá-las. Nesse sentido,

Todas as fontes são falíveis e sujeitas ao viés, e cada uma delas possui força variável em situações diferentes. Em alguns contextos, a evidência oral é o que há de melhor; em outros, ela é suplementar, ou complementar, a de outras na reinterpretação de documentos e no preenchimento de suas lacunas e fraquezas (THOMPSON, 1998, p.176).

Na busca de fontes alternativas para compor o momento histórico, a fonte oral possibilitou compreender as nuances da história, via voz de Ilar Garotti. Foi um processo social usado para compreender a realidade, além de dar à autora de sua história o direito à memória. Mas, se a memória falhar é importante confrontar os fatos, mostrar os documentos e ouvir nova versão do narrador sobre os acontecimentos.

Então, fez-se opção pela fonte oral, pois a recuperação dos registros que compõem a memória da educação tem trazido significativo impacto, não só pela necessidade de se resgatar a memória institucional e cotidiana de nossas escolas, mas, fundamentalmente, pela possibilidade de estabelecer elos articuladores que permitem historiar, problematizar e refletir acerca de uma história de vida. Nas bibliotecas da UFU e da UNITRI constam dissertações que abordam a história do Colégio Nossa Senhora, contendo alguns dados importantes para este estudo, visto que o já-dito é um dos modos de compreender o discurso, complementar e questionar informações.

As fontes são socialmente importantes para compor histórias, para a sociedade em geral e para os pesquisadores que necessitam de material documental para embasar suas pesquisas. Ao obter relatos via História Oral, promovem uma reflexão sobre o passado, presente e futuro, que se dialogam continuamente, pois a construção histórica reconstrói o passado, explica o presente e projeta o futuro, através da memória: “[...] a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E, ao lhes dar um

passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (THOMPSON, op.cit., p. 237).

As fontes iconográficas utilizadas neste estudo contextualizam as vivências de Ilar Garotti e ajudam a preservar e trazer à tona os fragmentos do passado, além de ser um suporte para a memória. Sabe-se que as imagens produzem efeitos visuais que promovem uma comunicação e constroem uma dada realidade, pois, a partir delas, pode-se fazer múltiplas leituras do contexto e das representações culturais de determinada época ou região, proporcionando ao pesquisador um diálogo que pode ir além da narrativa.

Vale ressaltar que a imagem possui impacto positivo ou negativo, essa marca depende exclusivamente do lugar e da análise realizada. Dessa forma, é uma fonte como qualquer outra e está sujeita à fabricação e manipulação do pesquisador. Enquanto fonte iconográfica pode legitimar uma narrativa e contextualizar um momento vivido para se compreender e/ou retratar um fato, além de transpor a realidade congelada do tempo e do espaço vivido para legitimar o presente. Dessa forma, foram escolhidas imagens que formaram e que constituíram aspectos importantes da trajetória de vida narrada por Ilar Garotti.

A história se monta, remonta-se e se revela como história antiga e que tem vários sentidos, que ao ser narrada retrata uma multiplicidade nela contida, através do olhar de quem a narrou. Nesse processo, é imprescindível que o historiador saiba ouvir, respeitar, seja observador dos movimentos, dos silêncios, tenha sensibilidade em perceber o não dito, as emoções, as nuances de essência que é transmitida pelo narrador. Este é um desafio que leva a busca de fatos não revelados.

A Tradição Oral se constitui, desde os tempos mais remotos, na maior fonte humana de conservação e difusão do saber. Foi usada para transmissão do conhecimento de geração a geração, visto que é um meio pelo qual se armazena e transmite as tradições, em que o saber e o fazer eram perpetuados através da escuta, da observação, da imitação e da repetição.

A História Oral hoje pode ser usada como fonte, na qualidade de método ou de técnica de pesquisa, dependendo das crenças do pesquisador. Como fonte, a História Oral é compreendida como uma possibilidade de construir um documento, através da narrativa, que poderá auxiliar pesquisadores nas mais diversas investigações.

Como metodologia, a História Oral é uma fonte principal que estabelece e ordena os procedimentos de trabalho na busca de compreender o passado, para construir uma história do tempo presente com o auxílio da memória. A História Oral constitui-se também como espaço vivificador da relação entre a história, memória e identidade.

Por meio do estímulo às lembranças ocorre a construção das representações sobre o passado, o que contribui para evitar o esquecimento e para registrar as múltiplas visões do vivido, possibilitando construir e reconstruir a identidade histórica, descortinando uma pluralidade de visões do cotidiano que podem fundamentar as investigações.

Nesse sentido, a narrativa não pode ser apenas um documento, pois “[...] se as fontes orais podem de fato transmitir uma informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente ‘como um documento a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado” (THOMPSON, 1998, p. 137-138). Assim, nesse sentido, “[...] a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras” (THOMPSON, op. cit., p. 337).

A História Oral como técnica de pesquisa tem a entrevista como fonte complementar de coleta de dados. O depoimento é usado como recurso para subsidiar outras fontes. É um meio utilizado na tentativa de preencher as lacunas da história para se chegar mais perto do real, mas isso depende quase que exclusivamente, de quem está sendo entrevistado, do objetivo da pesquisa e do olhar do pesquisador-orientador. Como qualquer outra técnica ou método, deve ser submetido aos cânones do método científico.

Se há diferença entre a utilização, crença e significado, existem também diferentes modalidades de História Oral, tais como a história de vida e a história oral temática. Elas se fundamentam na narrativa oral.

A História Oral de vida é uma forma de coletar narrativas de experiência de vida, de testemunho do passado, estabelecendo estratégias de análise do vivido, constituindo-se como um método de coleta de dados para recuperação do passado. A história de vida

[...] é um instrumento de pesquisa que valoriza a obtenção de informações contidas na vida de uma ou várias pessoas e pode ter forma literária tradicional como memórias, crônicas ou relatos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa (CHIZZOTTI, 1995, p.95).

Na História Oral temática, o pesquisador escolhe um tema específico, um acontecimento ou um fato, que, através da entrevista, busca elucidar suas questões sobre o tema proposto. A vida do entrevistado não é o mais importante nessa modalidade. Busca-se, através da narrativa, uma versão sobre um acontecimento preestabelecido.

A História Oral de vida é uma modalidade de investigação que valoriza a narrativa pessoal, registra a memória viva, as emoções, os silêncios e os sentimentos de pessoas das mais diversas origens sócio-culturais. Dessa forma, auxilia a construir uma imagem do passado, mais abrangente e dinâmica. É também um meio de registrar a transmissão do conhecimento por meio da oralidade, pois a narrativa é portadora de informações legítimas do sujeito.

Para obter a narrativa, o pesquisador utiliza a entrevista, pois é o momento em que se faz a história e é também um processo de interação social entre duas pessoas, com o objetivo de dar e obter informações, de observar comportamentos, gestos e silêncios.

Numa entrevista, há um esforço do pesquisador em propiciar que o entrevistado fale o máximo que puder. Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, é importante consultar a pessoa entrevistada sobre o interesse e a sua disponibilidade em participar da pesquisa. Deve-se esclarecer os objetivos da pesquisa e como será utilizada a narrativa, isto é, a que finalidade se destina. Outra questão relevante é o local em que se realiza a entrevista, bem como o estabelecimento do horário, pois é importante para que o narrador tenha disponibilidade e desejo, e que queira falar.

Para que este projeto de pesquisa se consolidasse e fosse possível construir a história de vida de Ilar Garotti, compreendendo sua trajetória de vida, sua origem, sua criação, o período escolar, seu cotidiano, sua juventude, sua educação, sua formação intelectual, suas produções científicas, sua carreira, a mulher, a religiosa e a diretora, foi necessário recorrer à memória desta professora, através do saber escutar.

E, para conseguir desvelar essas questões foi fundamental a construção de um roteiro, pois para se realizar uma entrevista

[...] as perguntas devem ser simples, diretas e em linguagem comum. Perguntas complexas e de duplo sentido conduzem a meias respostas, ou a respostas inadequadas; evitar perguntas diretas que expressam as próprias opiniões do pesquisador/entrevistador assim, o narrador/entrevistado dará as respostas que o seu interlocutor deseja

ouvir. As perguntas devem ser elaboradas com o cuidado que evite sugestão de respostas; devem também ser evitadas perguntas que levem o narrador/entrevistado a pensar do mesmo modo que o pesquisador/entrevistador pensa (THOMPSON, 1998, p.260-261).

A questão do interesse pela vida do entrevistado é relevante para o sucesso de uma entrevista. Quanto mais o pesquisador demonstrar interesse pela forma como o narrador conta a sua história, mais irá saber sobre ele. Há situações em que é preciso compreender como o narrador está se sentindo, vale ressaltar que o pesquisador precisa saber quando avançar ou recuar. Após a sessão de gravação, é importante demonstrar apreço em retribuição à história que lhe foi concedida.

Dessa forma, a primeira entrevista com Garotti para coleta de dados sobre sua história de vida ocorreu em sua residência, utilizando o recurso da gravação. Em todos os momentos a entrevista foi conduzida com o auxílio de um roteiro pré-elaborado, o qual abordava as fases importantes de sua vida. As entrevistas foram marcadas com antecedência, realizadas com horário pré-estabelecido, com duração de duas horas.

A narradora colocou-se pronta e aberta, os encontros ocorreram em um ambiente tranquilo, de modo que as entrevistas fluíram sem interrupções. As entrevistas iniciaram pontualmente no horário marcado, primeiramente de forma tímida, mas no decorrer do processo se transformou em conversa solta e amistosa. Os encontros sempre terminavam com o questionamento por parte da entrevistada se teria ficado bom. Foram tecidos vários agradecimentos de ambas as partes.

Durante a entrevista Garotti manteve a voz firme, olho no olho, fala clara e quase sem emoção. Teve o cuidado de fazer um roteiro pré-elaborado dos principais fatos de sua vida que queria relatar. Mas com o processo vivenciado na entrevista, a narradora esqueceu do roteiro e do gravador, falou sobre várias fases de sua vida, principalmente sobre o tempo que dedicou seu trabalhando na FAFI e no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, na UnU e na UFU, no período em que exerceu vários cargos importantes na academia.

A fita foi transcrita na íntegra. Ao receber a cópia da entrevista, a narradora corrigiu os vícios de linguagem e reelaborou sua fala. Foi consenso que a professora tinha total autonomia de revelar o que quisesse, uma vez que é autora de sua história. Na História Oral, o narrador tem todo direito de alterar a sua narrativa, até que assine a

carta de cessão cedendo todos os direitos para o pesquisador, bem como a outros estudiosos que poderão ter acesso à entrevista.

A análise e interpretação da história de vida se constituem essencialmente numa situação dialógica, pois o pesquisador, ao trabalhar meteticulosamente sobre esse material comunicativo, também se torna mais um interlocutor, integrando o circuito dos diálogos e da possível produção de conhecimento. A concepção de memória utilizada neste estudo foi baseada no trabalho de Bosi: “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje às experiências do passado” (1987, p.17).

A recuperação de registros, via memória, da educação poderá trazer significativo impacto, não só pela necessidade de se resgatar a memória das pessoas, mas, fundamentalmente, pela possibilidade de estabelecer elos articuladores que permitam historiar e problematizar o modo como são organizadas e conduzidas as propostas e projetos voltados para a educação nos dias atuais.

Nesta pesquisa, desvela-se a história de vida de uma professora. Nessa perspectiva, a possibilidade de refletir sobre as relações entre memória e história contribuiu de forma significativa para somar a outros estudos que valorizam experiências humanas acumuladas ao longo da vida e da profissão de Ilar Garotti. Essas experiências podem auxiliar e vir a ser fonte para criar e desenvolver programas e projetos educacionais, culturais, técnicos e científicos que visam à melhoria das condições de trabalho e da qualidade do ensino.

As siglas utilizadas neste estudo estão assim especificadas: UnU – Universidade de Uberlândia; FAFI – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras; UFU – Universidade Federal de Uberlândia; PMU - Prefeitura Municipal de Uberlândia; PUC – Pontifícia Universidade Católica, UNITRI – Centro Universitário do Triângulo; C.F.E – Conselho Federal de Educação e MEC – Ministério da Educação e Cultura.. Para compreender a estrutura desta dissertação, dividiu-se o estudo em sete partes. Na primeira parte está a Introdução.

Na segunda parte consta o primeiro capítulo, que revela a história narrada por Ilar, descrita pela pesquisadora. Desvela as representações de suas vivências, bem como o contexto social, político e educacional de sua trajetória de vida. Após esse capítulo a narradora Ilar passa a ser citada como autora: (GAROTTI, 2006).

Na terceira parte está o segundo capítulo. Nele foram apresentados a profissão da professora e o processo histórico do sistema educacional do período em que estudou. Destacou-se como se deu a formação docente básica e continuada e a construção da base para a sua atuação em várias instituições no município de Uberlândia. Trata também da influência da mídia no processo educacional e alguns aspectos do contexto histórico e político do período militar.

A quarta parte contém o terceiro capítulo, no qual analisou-se o papel e a influência da religiosidade nos caminhos percorridos pela narradora. Traz reflexões sobre o espaço da mulher no contexto histórico que levou a conhecer e compreender a representação na história da educação brasileira e nos discursos que moldaram a educação feminina.

Na quinta parte, está o quarto capítulo. Nele revelou-se as descobertas do estudo realizado, no qual descortinou a capacidade do sujeito de se posicionar diante da história e fazer história, desvelou também as escolhas no caminho percorrido e as condições que o determinaram, tanto para a narradora como para a pesquisadora.

Na sexta parte, disponibilizou-se as Referências Bibliográficas que contribuíram para a consolidação deste estudo. Na sétima e última parte estão os anexos, os quais enriqueceram as descobertas e o conhecimento produzido. Assim, este estudo proporciona uma porta aberta para novas investigações e um novo olhar sobre a pesquisa.

De acordo com este plano de estudo, a seguir, no primeiro capítulo, desvela-se, pela pesquisadora, a apresentação de Ilar Garotti e a sua história de vida.

CAPÍTULO I

ILAR POR ILAR

1.1 – A construção de uma história de vida

O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade e do eu (FOUCAULT, 1996, p.29).

Este capítulo revela a história de vida de Ilar Garotti, traça-se aqui, um panorama de seus percursos vivenciados na história, sua origem, a construção da sua formação escolar inicial e continuada, bem como as suas opções de vida.

Para desvelar a fonte oral narrada por Ilar Garotti, optou-se nesse texto por denominá-la Ilar. A fonte iconográfica utilizada a partir do primeiro capítulo tem como objetivo dar visibilidade e contextualizar a história narrada.

Ilar nasceu no dia 15 de março de 1933, em Jardinópolis, cidade do interior do Estado de São Paulo. O município tinha aproximadamente 20 a 25 mil habitantes. Seu pai, Egídio Garotti, veio da Itália em 1898.



Figura 1 - Família Garotti – Avós Romano Garotti e Maria Balducci
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti

Egídio, pai de Ilar, tinha como objetivo melhorar as condições de vida da família. Por essa razão vieram para o Brasil. Casou-se em Jardinópolis com uma descendente de Italianos, seu nome era Ângela. Com pais Italianos Ilar ganhou o direito de ter dupla cidadania: italiana e brasileira.

Sua mãe, Ângela, foi professora leiga. Seus pais tiveram cinco filhos, e uma história marcada por uma vida construída com sacrifício e muito trabalho. Ilar teve uma infância tranqüila e repleta de cuidados.



Figura 2 - Egídio (pai), Ângela (mãe). Irmãos: Ivoni, Iversen, Ivan, Ivar e Ilar
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti

E, como ela mesmo relatou:

Protegida no sentido de cuidados, mas não no sentido de me poupar do trabalho, isso não. Minha mãe nunca me poupou. Desde criança fui habituada a trabalhar, estudar, ser correta em todas as coisas, minha mãe era exigente, foi uma mão muito firme na minha vida, ela sempre me orientava muito bem em tudo que eu tinha que fazer (GAROTTI, 2006).

Sua mãe foi uma pessoa que marcou sua vida, por ter pulso firme e determinação. Cabia a ela a orientação dos filhos para todas as tarefas que tinham que fazer, além do mais importante, incentivá-los nos estudos. Caçula de cinco irmãos, Ilar

estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, mantido pelas Irmãs Franciscanas, em Jardinópolis, concluindo o primário, o ginásio e o Curso Normal.



Figura 3 - Colégio Sagrado coração de Jesus – 1ª série e Formatura de Normalista
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 1940 e 1951

Ilar tinha no seu imaginário as falas firmes da mãe que insistia cotidianamente que todos os filhos deveriam estudar, ter cultura e vencer na vida. O apoio e o incentivo recebidos pela mãe foram importantes, senão fundamentais, para alcançar seus objetivos com relação aos estudos.

Na mocidade, com 18 anos, em 1952, mudou-se para Campinas para fazer o Curso de Pedagogia, que era uma continuação do Curso Normal, nele fez opção pela Orientação Educacional.

Morou num pensionato chamado Instituto Complementar São José, dirigido por Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Nesse espaço, pôde aprofundar sua religiosidade, como também adquirir mais cultura e novos conhecimentos. Construiu sua vida voltada para a intelectualidade e foi aperfeiçoando sua formação humana e cristã.

No convívio com as irmãs que dirigiam o pensionato, Ilar revelou que descobriu sua verdadeira vocação. Narrou que lá ela descobriu um outro mundo, um mundo novo e se aprofundou na religião, na cultura e na vida da Faculdade. A partir daí pôde ampliar e aperfeiçoar e aplicar os seus conhecimentos



Figura 4 - Instituto complementar São José – Campinas - SP
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 1952

No ano de 1954, com 20 anos, Ilar, certa da sua decisão, entrou para a Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Inicialmente, sua mãe foi contra essa decisão. Narrou que foi um período difícil, longe da família, mas a vocação foi mais forte. Esse fator fez com que a família aceitasse sua opção.

Ao narrar sobre sua vida na Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado revelou que teve orientação espiritual, essa era uma das formas de trabalho dessa instituição para garantir e aprimorar os valores cristãos das noviças. Segundo Ilar, essas orientações e os seus estudos, asseguravam e aumentavam sua fé, além de ampliar seu modo de ver o homem, a mulher e o mundo. Assim, optou com segurança pela vida religiosa.

Durante os anos de estudos na Pontifícia Universidade Católica – PUC de Campinas, Ilar relatou que reconheceu nos seus professores uma vontade de realizarem investigações, mas esse desejo de fazer pesquisas não necessariamente estavam voltados para a religião, e sim para a área que eles atuavam profissionalmente, o que demonstrava que alguns não eram ligados à Igreja Católica.

Sua vinda para Uberlândia se deu e foi justificada em função do reconhecido trabalho que realizou sobre orientação educacional com as moças que moravam no Instituto Complementar São José em Campinas.

Dessa forma, por determinação da Madre Maria Villac, fundadora da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado da cidade de Campinas, Ilar é

conduzida para a cidade de Uberlândia, a fim de substituir a Irmã Lázara Fioroni, primeira diretora da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras que funcionava no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas nos anos de 1960 e 1961.



Figura 5 - Diretora da Faculdade de Filosofia
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 1962

Na Congregação, as ordens eram obedecidas. Dessa forma, sem questioná-las, pois eram ordens superiores, Ilar veio em missão para Uberlândia, dirigir a Faculdade de Filosofia que era sediada no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas. No início, Ilar teve receio, com o desafio proposto, uma vez que considerava muita responsabilidade para sua idade, pois só tinha 27 anos, mas como teve uma criação extremamente rígida, somada a motivação e a confiança da Madre, com o passar do tempo, o desafio foi enfrentado sem grandes problemas.

Ilar acredita que o mundo é um horizonte de possibilidades, dessa forma algumas pessoas sabem aproveitá-las, outras não sabem. Muitos acabam jogando fora as oportunidades que aparecem em suas vidas. Ela afirma que teve a chance que precisava para desenvolver o que aprendeu na Congregação, confiou na sua fé, atribuiu sua vinda a Uberlândia como sendo uma missão a ser desenvolvida aqui na terra.

Descobriu que precisava colocar seus conhecimentos em prática, assim como outras questões ligadas diretamente à sua personalidade, o significado de solidariedade e desenvolver sua capacidade de liderança a fim de possibilitar sua realização pessoal e profissional.

A cidade de Uberlândia - MG, no ano de 1962, tinha aproximadamente 82 mil habitantes, Ilar narrou que o prédio do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas era o mais alto da cidade, de onde podia se avistar grande parte de Uberlândia.

Ilar acredita que os uberlandenses eram um povo empreendedor, pois queriam trazer o progresso para a cidade. Dessa forma, contou com a ajuda de famílias que pertenciam à elite uberlandense, bem como com a contribuição de padrinhos políticos que fizeram altas doações para construir a tão desejada Faculdade. Nesse contexto, muitas pessoas da sociedade local contribuíram com dinheiro em troca do direito a uma bolsa de estudo para os alunos carentes.

Na sua percepção sobre o contexto social, Uberlândia sempre foi uma cidade idealista, voltada para as necessidades do povo, o que precisava fazer, fazia. Para Ilar, politicamente, Uberlândia sempre teve políticos certos na hora certa, tais como: Rondon Pacheco, Homero Santos, Odelmo Leão Carneiro, como Deputado Federal, e agora Gilmar Machado, deputado Federal do PT.

Para Ilar, economicamente, Uberlândia se abriu para as indústrias e o comércio. Ela considera que se a cidade não tem indústria o comércio não tem um suporte. Uberlândia construiu uma cidade industrial e, nesse ponto, o ex-prefeito Virgílio Galassi contribuiu para que nossa cidade se desenvolvesse, e Odelmo Leão Carneiro, atual prefeito, continua na mesma linha de trabalho, pois pertence ao mesmo grupo político.

No ano de 1962, Ilar criou e determinou que a FAFI, funcionasse também no período noturno, pois pensou nos alunos que trabalhavam durante o dia e que mereciam oportunidade de continuar os estudos.

Revelou também que, sempre que precisava resolver pendências da FAFI viajava para o Rio de Janeiro. Em 1963, viajou para o Rio com o objetivo de reunir com o Conselho Federal de Educação, para viabilizar o Reconhecimento dos cursos oferecidos pela FAFI. A primeira formatura da Faculdade foi dos alunos dos Cursos de Pedagogia e Letras, já reconhecidos. Em 10 anos conseguiu fazer com que todos os

Cursos da FAFI recebessem o reconhecimento do MEC, essa conquista foi realizada anterior à primeira turma de formandos.

Nos primeiros anos de funcionamento da FAFI, para cada curso, Ilar tinha a preocupação de contratar dois ou três professores da área e de renome. Esses eram trazidos de fora, pois Uberlândia não dispunha de tais profissionais. E, assim, criou oito cursos em dez anos, sendo que foi o seu contato na PUC–Campinas que fez abrir um canal de comunicação para convidar professores de Campinas, São Paulo e de Ribeirão Preto para ministrar aulas e cursos na FAFI.

Em Uberlândia, Ilar contou com a influência de políticos para apoiar suas iniciativas, e dessa forma se fortalecia no grupo. O fato de pertencer a uma ordem religiosa facilitou o seu acesso ao Conselho Federal de Educação, no Rio de Janeiro, para tratar dos interesses da Faculdade. Nas idas e vindas ela tinha hospedagem garantida nas casas da Congregação, e no Conselho Federal de Educação tinha acesso livre para tratar do reconhecimento dos cursos, falava pessoalmente com o relator do processo e cumpria as diligências do mesmo sem maiores cerimônias.

Segundo Ilar os cursos foram criados e implantados de acordo com o mercado de trabalho de Uberlândia. Primeiramente solicitava ao Diretório Acadêmico, que se chamava Brasília, que realizasse uma pesquisa nas escolas sobre as preferências dos alunos para os Cursos Superiores. Essa pesquisa que era realizada no segundo grau dava subsídio para criar novos cursos. Nessa perspectiva, ela conseguiu aumentar a credibilidade da FAFI porque atendia às necessidades da juventude uberlandense.

Os cursos criados e reconhecidos pelo MEC motivavam a procura, pois os alunos ao se formarem começavam a trabalhar. Concomitante a esse processo, deixava claro a seriedade e a transparência do trabalho que estava sendo desenvolvido. Contudo, sempre buscava assessoria. A sua vida política foi toda orientada e influenciada por políticos de renome nacional tais como: Rondon Pacheco, Virgílio Galassi e, posteriormente, por Odelmo Leão Carneiro.

No ano de 1963, Ilar passou a contar com o trabalho da Ir. Odélcia Leão Carneiro (*in memoriam*). Segundo Ilar, ela apoiou suas iniciativas e ajudou nas tomadas de decisões administrativas, pois era dotada do dom da sabedoria e inteligência. Para Ilar, a Ir. Odélcia foi uma das melhores professoras da UFU, pois sabia se doar na profissão. Narrou que elas conviveram na Congregação por 44 anos e na vida pessoal,

foi amiga e boa conselheira, sabia utilizar uma palavra fundamentada na prudência e na sabedoria, dentro do que considerava verdade inserida na sua própria maneira de pensar, ser e agir. Odécia escrevia poemas que mostravam sua mística e seu pensamento mergulhados nos mistérios de Deus.

Para Ilar elas tinham um relacionamento sadio, harmonioso e idealista, inclusive dividiam sonhos como o de construir a FAFI com base sólida, criar cursos e uma Universidade para Uberlândia.

Ilar afirmou várias vezes em sua narrativa que envolvia todos seus companheiros de equipe com autoridade para alcançar seus objetivos. Ilar revelou que formou uma equipe sólida, e por sua capacidade de liderança e organização, no período de 1962 a 1972, foi Diretora da FAFI, sendo reeleita por seus colegas para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos no período de 1972 a 1975.

Nos anos de 1967 a 1972, Ilar acumulou vários cargos como o de Diretora do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas e Diretora da FAFI; o de Vice-Reitora e assessora de ensino da UnU no período de 1972 a 1975 e o de diretora pró-tempore da Faculdade de Medicina Veterinária no ano de 1973. No período de 1976 a 1980 foi Pró-reitora estudantil e de Extensão da Universidade de Uberlândia - UnU e posteriormente com a federalização, na Universidade Federal de Uberlândia- UFU.

Mesmo acumulando vários cargos de liderança, em 1975 fez Especialização em Planejamento e Administração de Sistemas Educacionais na Fundação Carlos Chagas, no Rio de Janeiro. Segundo ela, este curso foi escolhido, pois acreditava que ele poderia dar suporte para as suas ações na reitoria da UnU.

Ilar narrou que em 1975, criou um projeto de extensão da Faculdade de Filosofia na cidade de Monte Carmelo, que fica a 100 km de Uberlândia. Nesse mesmo período acumulava 2 cargos, era Vice-Reitora e Diretora da FAFI. O prefeito, Camilo Machado de Miranda, de Monte Carmelo, queria legalizar a situação dos professores leigos. No Colégio Polivalente, que pertencia ao Estado, passou a funcionar a Faculdade com os Cursos de Pedagogia, Letras e Estudos Sociais. Estes três cursos funcionaram por três anos e foram dirigidos pela Irmã Maria do Rosário Curado. A experiência terminou depois que a Faculdade legalizou a vida profissional dos professores leigos.

Para manter a estrutura administrativa, Ilar contava com o apoio de uma equipe em que confiava: Ir. Odécia Leão Carneiro, na Vice-Direção; Aparecida Portilho

Salazar, conhecida como Doca, na secretaria; e Nilza, na tesouraria. Esta era a equipe administrativa que ajudava a desenvolver ações e elaborar um trabalho funcional, além do que, considerava o conjunto de professores a sua família.

Ela reunia mensalmente os professores por Departamentos: Pedagogia, Letras, História, Matemática, Ciências, Geografia, Biologia, Química e Psicologia. Cada Departamento tinha seus assuntos específicos e ali resolvia os assuntos de cada um. O chefe do Departamento de Filosofia orientava seus professores na parte pedagógica, de acordo com a especificidade de cada curso. Em reunião geral, Ilar tinha uma visão global de todos os cursos da Universidade.

Tudo o que precisava ser feito, segundo Ilar, sempre era discutido em equipe. Na Universidade, Ilar trabalhou com o Dr. Genésio de Melo Pereira, Dr. Domingos Pimentel de Ulhoa, Dr. Gladstone Rodrigues da Cunha, Dr. Juarez Altafin e Dr. Antonino Martins, construindo uma amizade profunda, consistente, um relacionamento harmonioso e respeitoso com homens da elite mineira que estavam na linha de frente das decisões políticas da Universidade.



Figura 6 - Conselho Diretor da UFU

Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti - 1970

Com a redução do número de alunos no ano de 1969, a FAFI passou por sérias dificuldades financeiras, o Colégio não tinha como manter o funcionamento da Faculdade. Nesse período, Ilar relata que chegou a entregar a FAFI para o MEC, mas, com a ajuda e a vontade política de Rondon Pacheco e Renato de Freitas, Uberlândia recebeu recursos financeiros federais necessários para equilibrar as dívidas da Faculdade naquele momento.

Nesse período, segundo Ilar, as Irmãs que dirigiam a Sociedade Feminina de Instrução e Caridade, com sede em Campinas-SP, mantenedora da FAFI, entendiam que a Faculdade, que já pertencia à UnU, deveria funcionar em outro prédio e não mais no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas. Assim, o Dr. Juarez Altafin, Reitor da época, foi o responsável quanto às negociações sobre a transferência definitiva da FAFI para o espaço físico da UnU, no bairro Santa Mônica.

Ilar rememorou com certo saudosismo que havia um clima de aceitação e respeito mútuo entre os professores. Contou que as Irmãs e os professores contratados pela FAFI continuaram a lecionar na UnU, no Campus Santa Mônica.

Acumulando cargos de Pró-Reitora Estudantil e de Extensão da UnU e Diretora da FAFI, Ilar reconheceu que a equipe administrativa que trabalhou com ela era unida, tinha ideais nobres e garra para o trabalho em grupo. Os professores eram cordiais, dedicados, havia uma relação de respeito e de aceitação das ordens de uma forma muito tranqüila. Eram professores horistas, que lecionavam também em algumas escolas de 2º grau, e à noite davam aula na Faculdade.

Ilar lembrou que as comemorações na Universidade eram determinadas pelos Departamentos. Cada Departamento era livre para fazer suas programações. Comemoravam o que quisessem, eles se reuniam, festejavam, organizavam as festas dos alunos, as reuniões, as datas comemorativas. O Diretório Acadêmico, já naquele período, fazia um calendário de suas atividades e as realizava.

Existia também um trabalho de Igreja na Universidade, dirigido pelo Professor Pe. João Biagioni, conhecido carinhosamente como “João Bolão”, juntamente com uma equipe que orientava a missa universitária. Esta era realizada aos domingos sendo freqüentada por universitários e docentes da cidade.

Os alunos da Faculdade, segundo Ilar, estavam sempre interessados nas questões voltadas para o processo de ensino-aprendizagem. Para ela, os conteúdos que

privilegiavam a vida real, os valores, interesses e necessidades naturais e intelectuais eram mais interessantes. Ilar acreditava que muitos alunos da faculdade buscavam o conhecimento e eram pessoas sérias nos estudos porque precisavam trabalhar ou para se manterem no trabalho.

Quanto às relações de poder, Ilar considerou que são e continuam sendo muito conflitantes, pois quando há interesses particulares, as relações de poder aparecem causando desconforto, perdendo, assim, o objetivo maior que é o bem comum da Instituição. Por isso, quando tinha clareza de seus objetivos, buscava engajar todos os componentes da equipe de forma a acreditarem nos seus ideais. Hoje, Ilar considera difícil conviver com o poder, pois o egoísmo e o individualismo são maiores, não há espírito de união e as pessoas se tornaram individualistas.

Relatou que a UnU foi criada como um centro de excelência para desenvolver o ensino de graduação. A exigência para contratar professor era simples, não se tinham as normas que se têm atualmente, as equiparações salariais se davam pelo tempo de trabalho e pelas produções científicas realizadas pelo professor.

Com o passar dos anos os recursos financeiros destinados ao ensino superior cresceram e, com isso, houve várias mudanças, umas delas foi com relação ao regime de trabalho do professor, que era horista e passou para tempo integral, permitindo-lhe o aprofundamento da pesquisa e atuar em projetos de extensão. Esses aspectos mudaram após 1978 com a Federalização da Universidade. Nesse processo, Ilar foi membro ativo da Comissão de estruturação, transformação, organização da UnU para a UFU.

Ilar foi Madre por 23 anos. A partir de 1978 passou a pertencer ao grupo do Instituto Secular, onde a essência dos votos é a mesma: pobreza, castidade e obediência. No Instituto Secular a pessoa vive os votos de acordo com o Evangelho e as normas da Igreja Católica. Como leiga e consagrada, mora, trabalha e aplica o seu dinheiro onde quiser. As freiras desse Instituto se reúnem mensalmente e uma vez por ano, para fazerem retiro espiritual.

No ano de 1982, Ilar concluiu o mestrado na Universidade de Campinas, UNICAMP. Na sua Dissertação, analisou o processo de interação entre professor e aluno. Em 1983, Ilar criou e foi Diretora até 1993 da Creche Comunitária Santa Rita, organizou esse espaço para que suas alunas da UFU pudessem ter um lugar para

realizarem seus estágios e aprimorarem as práticas educativas ensinadas em sala de aula.

Em 1984 voltou para a UFU e atuou oito anos como docente no Departamento de Educação, ministrando a disciplina Currículos e Programas. Em 1987, também foi co-fundadora e vice-presidente da Creche Comunitária Santino, fundada por Santo Puglisi, conhecido como Frei Antonino (*in memorian*). No ano de 1989, tornou-se presidente da Sociedade Beneficente Ágape, que é mantenedora da Creche Santino.

Nesse período, realizou estágios no exterior, na busca de conhecimento para desenvolver seus projetos, como também para aperfeiçoar seu trabalho com a docência, melhorar os materiais de apoio para as aulas, enfim, toda aprendizagem adquirida constituía para ela um núcleo de aprofundamento do trabalho pedagógico. Atualmente Ilar é aposentada pela UFU.

Ilar relatou que foi valorizada como professora. Afirmou que tinha um bom relacionamento com os alunos, professores e técnicos da UFU, pois era uma pessoa aberta e cordial. Considerou que a Universidade sempre a valorizou em todas as suas ações.

Quanto à docência Ilar afirmou que ao ministrar uma disciplina, o professor coloca sua personalidade, sua posição política, sua filosofia de vida, enfim suas crenças e valores, pois existe o chamado currículo oculto que aparece na conduta, na ética, no desenvolvimento do profissionalismo. Assim, considera que seus valores como religiosa estavam sempre presentes no exercício da docência, pois acredita que esses aspectos nortearam e ainda estão presentes direcionando sua vida.

No período de docência, Ilar se assustou com a burocracia da Universidade. Essa foi uma de suas maiores dificuldades, tanto que alunos e professores se queixavam bastante do excesso de burocracia, pois era difícil conseguir uma simples informação. Os professores encontravam várias dificuldades dentre elas: cópia de xérox, publicação de artigos ou livros, material para ministrar as aulas. Já para a administração tudo era fácil. Esse excesso gerou impacto negativo uma vez que, alunos e professores sentiam-se marginalizados dos processos decisórios, isso dificultava o entrosamento e o diálogo na sala de aula.

Outro fator que a incomodava bastante era a quantidade de reuniões que segundo ela, não resolviam nada, mas mesmo assim, os gestores buscavam alternativas para

resolver os problemas. Dentre as listadas a mais utilizada eram as comissões, que, mesmo depois de realizarem seus trabalhos, a essência que precisava ser modificada continuava a mesma.

De 1994 a 1995, Ilar fez outro Mestrado em Ciências da Religião, cujo objetivo era aprofundar seus estudos sobre a espiritualidade e dedicar mais à vida religiosa, visto que, sempre se ocupou de assuntos políticos e administrativos.

No período de 1997 a 2000, o Dr. Gladstone Rodrigues da Cunha indicou para o Sr. Virgílio Galassi, Prefeito da época, Ilar Garotti para ser nomeada Secretária Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia - PMU. O prefeito aceitou a indicação e a nomeou.

Ilar afirmou em sua narrativa que enquanto esteve na Secretaria Municipal de Educação procurou desenvolver seu trabalho em equipe e seguindo seus princípios.



Revelou que não convidou nenhum professor que atuava na Faculdade de Educação da UFU. Escolheu seu grupo de trabalho entre os amigos pessoais de sua confiança, como também profissionais que estavam atuando na Prefeitura e que conheciam os problemas da rede municipal. Narrou que durante sua administração contou com o apoio político do Prefeito Virgílio Galassi e do Deputado Federal Odelmo Leão Carneiro.

Figura 7 - Secretária Municipal de Educação
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 2000

O trabalho desenvolvido na PMU teve como diretrizes a solidariedade, a construção de valores, a humanização, a integração da família na escola, a participação na Gestão Escolar, a melhoria da qualidade da Educação e a formação de professores. Para ela, essas metas deram bons frutos, o número de alunos matriculados nas escolas públicas municipais aumentou consideravelmente.

Pelos trabalhos realizados na cidade de Uberlândia, no ano de 2002 Ilar recebeu o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação. Esse prêmio o MEC o oferece, concedendo

diploma de menção honrosa, às pessoas que contribuíram com o processo educacional seja nacional, regional ou local.

No decorrer de sua vida, Ilar relatou que nunca sentiu preconceito por parte de outros por ser mulher e ocupar cargos de chefia, havia muita segurança e respeito pelo seu trabalho. E se sente realizada porque deu uma resposta aos grandes desafios que Uberlândia lhe pediu.

Hoje, Ilar, com 73 anos de idade, afirmou que, se precisasse começar tudo outra vez, começaria do mesmo jeito, só que com uma experiência maior, tanto na Universidade, como também nos diferentes lugares pelos quais passou e trabalhou, sendo Diretora do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, Diretora da FAFI, Vice-Reitora, Pró-Reitora na UFU e Secretária Municipal de Educação de Uberlândia. Ela sente-se plenamente realizada pelos trabalhos prestados à cidade de Uberlândia.

A Universidade deixou marcas indeléveis em sua vida em relação aos espaços de gestão, foi um complemento positivo, pois sempre gostou de administrar. Dessa forma, a Universidade foi o lugar que possibilitou a ela desenvolver seu potencial como gestora, uma vez que acredita ser inata essa capacidade de administrar e ainda pôde aperfeiçoá-la desde sua infância, tendo como exemplo sua mãe e os lugares em que foi educada.

Como gestora da Universidade relatou que tinha liberdade administrativa, realizava o que queria e precisava, era sempre apoiada sem restrições. Dessa forma, sentia-se recompensada, era prazeroso, pois acredita que fez algo para o bem comum. Ilar mostrou-se imensamente agradecida à UFU pela oportunidade que teve ao gerenciar a Instituição, afirmou com emoção, que era o que sabia e amava fazer.

Como uma pessoa de fé, Ilar não se esqueceu de agradecer a Deus pelas inspirações e às pessoas que a ajudaram na vida como a sua família, a Madre Maria Villac (*in memorian*), na Congregação, a FAFI, a UFU, a Irmã Odécia (*in memorian*), a Doca, a Nilza e todos os professores. Ela considerou que todos os amigos foram grandes incentivadores e que ajudaram a construir o que pôde realizar por Uberlândia. Ela considera que o povo uberlandense reconhece o esforço que a sua equipe fez pela cidade.

E, finalmente, Ilar deixou uma mensagem de espiritualidade, porque percebeu a importância da vivência na religiosidade. Segundo Ilar, a vivência na fraternidade,

desenvolvendo as virtudes como: a humildade, o amor, a verdade, a justiça e os valores do Reino de Deus, é que dá sentido à vida. Considerou também que essa fraternidade, nós a encontramos em qualquer religião, pois, só os valores intelectuais não dão sentido à vida.

Para os professores ressaltou as mesmas palavras. O professor, segundo ela, só se distingue de um outro leigo, no desenvolvimento da profissão. Se ele for um ótimo leigo, que cuida dos valores espirituais, se prepara para a especificidade de sua disciplina, se tem um objetivo, se utiliza novos instrumentos para implementar sua prática e se tem garra para o trabalho, ele será um ótimo profissional. Mas salienta que, nesse processo, é importante também ter vocação, gostar da profissão e gostar do que faz para ter eficácia no trabalho.

Para Ilar é importante, senão fundamental, crescer sem abandonar os sonhos, ter fé e humildade para compartilhar com o próximo o conhecimento, isto é, melhorar a si mesmo e o outro através de ações solidárias.

Por opção, Ilar retornou à sua família. Para ela o que tinha que ser feito já o fez, e o que tinha que produzir já produziu.



Figura 8 - A família, seus irmãos: Ivoni, Iversen, Ivan e Ivar
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti

Em Jardinópolis não parou de estudar, ocupava seu tempo estudando a compreensão, o funcionamento e o desenvolvimento da mente humana. Em 2007 concluiu o curso de Parapsicologia em Campinas. Ilar passou uma temporada com sua família de origem e seus amigos de infância em Jardinópolis.



Figura 9 - Residência em Jardinópolis
Fonte: Acervo particular de Ilar Garotti - 2007

Atualmente, Ilar voltou a residir em Uberlândia. Como sempre gostou de administrar, a convite do Pe. Sérgio Siqueira Camargo, assumiu o cargo de diretora do Ensino Superior de Educação, na Faculdade Católica de Uberlândia, administrando as licenciaturas. Também faz assessoria na pastoral universitária. Ilar afirmou que a vida tem fases e as fases vão mudando de acordo com as circunstâncias.

Dessa forma, dois pontos ficaram evidentes na história de vida de Ilar: a vocação para servir a Deus e a capacidade de liderança e gestão. Esses fatores contribuíram significativamente para a construção de sua identidade. Assim, compreende-se que a história não é dada é construída. Assim, neste estudo o passado foi reconstruído com o olhar do presente, em que houve uma ressignificação, uma dinamização da história e uma seleção da memória da narradora.

Portanto, um caminho que auxiliou a entender as representações de Ilar, do ser religiosa e professora, foram seus modos de vida, seus grupos de referência, a família, a fé, a vocação, o processo educacional e a formação religiosa. Cada pessoa tem seu modo singular de ser e pensar, cada um constrói de forma diferente sua personalidade e sua identidade. Nesse sentido, conhecer a formação de Ilar para a vida e para o mundo levou a compreender alguns aspectos que nortearam sua vida pessoal e profissional.

No próximo texto, o segundo capítulo trata da profissão da professora, bem como alguns aspectos que constituíram o processo educacional na sua formação docente.

CAPITULO II

ILAR GAROTTI: A PROFISSÃO DE PROFESSORA

2.1 – Caminhos de formação da narradora

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Este capítulo tem como propósito revelar caminhos vivenciados pela narradora, que, ao ser construído, descortinou o modo como a formação influenciou nas opções de vida de Ilar Garotti. Aqui desvela a professora, sua profissão e os caminhos percorridos na história, na vida e na educação.

Enveredar neste mundo da pesquisa foi um novo desafio na busca do caminhar para si mesma, pois, segundo Josso (2004), analisar a formação é uma das melhores formas de conhecer a si próprio. Nesse sentido, compreender o processo de criação do outro, do seu pensamento, de suas significações, possibilitou uma ampliação da experiência vivida que pode conscientizar de como as histórias singulares estão interconectadas com tempos, espaços, mediações e ressignificações e que podem levar a um processo de conhecimento de si próprio.

Neste estudo, a partir daqui, Ilar assume o papel de autora, no qual decidiu-se por chamá-la de Garotti. Assim, rememorar, recuperar e conhecer a história de pessoas tem sido alavanca importante para a construção do conhecimento histórico.

Dessa forma, a vinda de Garotti para Uberlândia fortaleceu a educação local, pois pôde contribuir ao criar novos cursos na FAFI, formando várias gerações de homens e mulheres que posteriormente ocuparam lugares de destaque na educação do município de Uberlândia e região.

Nesse sentido, as interações e as experiências vivenciadas por Garotti, construíram seus saberes, pois, compreende-se que a memória não é somente individual,

é também coletiva e social. O indivíduo é exposto a diversas formas de influências ao longo de sua vida, e, nesse sentido, a narrativa pode promover a reelaboração do vivido, reconfigurando e ressignificando uma perspectiva de compreensão do mundo que se quer comunicar.

Portanto, ao mesmo tempo em que Garotti narrou sua história, estabeleceu um diálogo com os vários contextos vividos. Assim, por meio de um processo reflexivo, do que é de si mesmo e do outro, pôde-se tornar o relato um ato narrativo que proporcionou a Garotti uma oportunidade singular e talvez única de contar e se posicionar diante da vida, tecendo e re-tecendo a sua vivência sob os limites da discordância do destino, do tempo, da memória e do desconhecimento de si mesmo (JOSSO, 2004).

A condição da narradora ao revelar sua vida, tornou a autocompreensão de si e do outro, numa tarefa de interpretação das vivências que transformou a pesquisadora e a narradora em autoras-intérpretes de si mesmas e da realidade vivida e experienciada.

Tecer a história da vida da professora Garotti foi um grande desafio. Compreender, desvendar e interpretar a história de vida de uma mulher, freira e que sempre esteve vinculada ao poder, possibilitou analisar as representações da sua história vivida e o contexto social e educacional da época.

Nessa perspectiva, buscou-se aspectos que marcaram a sua trajetória desde sua infância para a construção do conhecimento histórico. Diferentes fatores constituem a concepção de mundo do ser humano, assim, considerou-se tanto o conjunto das relações sociais quanto a própria dinamicidade do momento histórico e da educação vivenciada por Garotti.

Dessa forma, foi preciso considerar a liberdade, o olhar, a individualidade e o contexto da narradora. Este por ser dinâmico e possuir várias interfaces específicas do momento, coube a Garotti revelar o que lhe foi mais significativo.

Desse modo, recorreu-se à memória da narradora como forma de possibilitar a compreensão do palco da história, suas nuances, suas diversidades, que foram moldadas pelo meio social, dinâmico e complexo. Assim, buscou-se compreender o espaço da mulher no contexto histórico o que implicou conhecer e compreender a representação feminina na história da educação.

A história revela que a mulher tinha um espaço delimitado, a ela cabia o papel de ser dona de casa, mãe, esposa e professora. Pois era simpática, dócil, carinhosa e meiga, nela havia todas as virtudes para ser uma boa educadora (PEREIRA, 1996).

No espaço educacional, a mulher foi educada para tal função, sendo ao homem reservado as funções intelectuais. Essa idéia foi reforçada, também, no interior dos colégios religiosos femininos, onde era desenvolvido um processo educativo com normas rígidas. Com a demanda crescente por educação no Brasil, deu-se início à presença maciça de mulheres na educação das primeiras letras (PEREIRA, 1996).

Aos sete anos Garotti entrou para o Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Franciscanas em Jardinópolis, estudou lá de 1940 a 1951, concluiu o primeiro, o segundo grau e o curso de normalista. A formação que as Irmãs lhe deram desde criança foi uma formação cristã. Segundo Garotti: “[...] essa formação construiu a minha personalidade. Ao lado disso, uma mãe muito firme nos princípios da religião, da honestidade, do trabalho, então isso foi construindo a minha personalidade” (GAROTTI, 2006).



Figura 10 - Formatura da 4ª série

Fonte: Acervo particular Ilar Garotti - 1948

Relatou que sua mãe sempre dizia: “Você pode! Você consegue! Você tem força de vontade! Você vai para Campinas, porque você vai fazer Faculdade!” (GAROTTI, 2006). Assim, Garotti foi morar em um pensionato das Irmãs Missionárias chamado Instituto São José, em Campinas, para estudar.



Figura 11 - Instituto Complementar São José – Campinas – São Paulo
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 1955

De 1952 a 1956, fez graduação em Pedagogia e Orientação Educacional na Pontifícia Universidade Católica - PUC de Campinas. Construiu uma vida toda voltada para a intelectualidade, assim, nas suas palavras, “[...] foi se aperfeiçoando, continuando minha formação intelectual, cristã e humana” (GAROTTI, 2006).

No discurso religioso, ser professora fez com que muitas jovens se sentissem motivadas a fazer opção pela vida religiosa. Elas eram incentivadas nos colégios em que estudavam e também na família, para dar continuidade aos estudos, ter o aprendizado de várias línguas e uma profissão.

Assim, ao conhecer a experiência da vida religiosa de Garotti no interior de um Colégio de freiras, na sua infância e juventude pôde-se constatar que a influência da religiosidade nas suas opções e decisões.

Dessa forma, a vida religiosa apareceu em sua vida quando tinha 20 anos. Relatou que sentiu então sua vocação, e através da orientação espiritual, descobriu que sua vida poderia ser diferente. Narrou que “[...] realmente minha vida foi mudando:

meus valores, meus princípios e a minha fé me ajudaram muito o modo de ver as coisas” (GAROTTI, 2006). E, em 1954, Garotti entrou para a Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.



Figura 12 - Noviciado em Campinas
Fonte: Acervo particular de Ilar Garotti - 1955

Na narrativa de Garotti, foi possível verificar algumas expressões carregadas de simbolismo religioso. Este aspecto foi demonstrado nos seus gestos, valores e atitudes do fazer na educação, imprimindo uma ordem interna no sujeito. Esses fatores revelaram a identidade da Irmã e da professora.

Como mulher, cumpriu o seu papel social na representação de ser dedicada, a filha obediente, a dócil, a meiga e professora. Essas qualidades foram exigidas à mulher e que eram reforçadas pelas Instituições, pela sociedade e pela família. Esses aspectos foram também cultivados nas novas gerações através do catecismo, dos grupos de jovens e nos cursos de formação.

Esses moldes implícitos ou explícitos utilizados com ou sem discurso, por meio de ações disciplinizadoras, enquadram-se na ordem cultural e emoldura o sujeito na sua forma de compreender e reproduzir o contexto, o que deu sentido e significado nas diversas práticas sociais. O desvelamento desta trajetória de vida direciona o olhar aos gestos e às falas, vasculhando suas entranhas em busca de histórias silenciadas e

esquecidas pelo tempo e/ou emoldurada pela doutrina da Igreja, procurando identificar as dimensões internalizadas nas atitudes e nos comportamentos que acompanharam o fazer nas experiências vividas (PEREIRA, 1996).

É uma tecitura tênue que se desvelou, umas vezes silenciou, outras expressou a dimensão religiosa de seu fazer, outras vezes reforçou a forma tradicional de educar a mulher, anulou parte da subjetividade, outras, fechou o cenário e não forneceu dados para elucidá-lo. Garotti guardou para si histórias que só pertencem a sua memória.

Esta experiência colhida se transformou em um palco permanente de experiências, onde pesquisadora e narradora se tornaram protagonistas de uma história cheia de conquistas, de reconhecimento e de aprendizado. Esse processo se deu na compreensão do ato de fazer, de ser e de saber fazer de cada uma.

Falar de Garotti, uma religiosa que fez do educar sua missão de vida, é extremamente complexo e desafiante. Nesse sentido, abre-se o canal para fazer história, ser sujeito da sua própria história. Assim, conhecer os percursos trilhados por esta educadora, leva-se a percorrer os caminhos da história da educação.

2.2 – A formação docente: o contexto histórico

As intrínsecas relações do processo educacional e a formação da identidade de Garotti auxiliaram a compreensão do contexto em que foi educada desde sua infância, bem como, a dinâmica dessa realidade fez compreender como se deu a construção do seu papel de educadora.

A educação formal brasileira teve suas origens sob forte influência dos Jesuítas. Para Romanelli (1989), o ensino jesuítico interessava e era acessível a uma minoria que não precisava produzir as coisas materiais para a sobrevivência. Os jesuítas especializaram-se no ensino secundário e superior, com currículos em educação literária, filosofia e teologia. O modelo jesuítico foi base na educação das gerações futuras.

Os jesuítas não se dedicaram à educação das camadas populares, o que caracterizou o sistema de ensino como aristocrático. No ritual das aulas de religião existia uma preparação para fazer a primeira comunhão. Nessa preparação era obrigatório ir ao confessionário e pedir perdão. Cada um se considerava culpado pelo

próprio comportamento, de acordo com os parâmetros dos pecados estabelecidos na doutrina da Igreja Católica, nos livrinhos e catecismos obrigatórios para primeira comunhão, crisma, consagração e batizados. O catolicismo determinava para as instituições o modelo de educação (ROMANELLI, 1989). Esse foi um dos legados que influenciou a educação brasileira por um longo período.

Para compreender o contexto em que Garotti foi educada, foi necessário situá-la no espaço e no tempo histórico, assim, conhecer a história geral e local. Dessa forma, ao cruzar o estudo da singularidade de sua narrativa com a história, pôde-se ampliar as possibilidades de compreender suas experiências vividas, o contexto e o processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, compreende-se que os princípios impostos pela Igreja Católica, influenciaram significativamente a educação de Garotti. Ela ressaltou que “Essa formação construiu a minha personalidade[...]”

Desde criança fui habituada a trabalhar, estudar, ser correta em todas as coisas, minha mãe era exigente, foi uma mão muito firme na minha vida, ela sempre me orientava muito bem em tudo que eu tinha que fazer (GAROTTI, 2006).

Dessa forma, as ações da Igreja, do Estado e, particularmente, da família, foram convergentes e decisivas para disciplinar o sujeito. Durante o seu percurso histórico, a mulher lutou para exercer o seu direito de cidadã, bem como o de exercer atividades na esfera pública, objetivando um patamar de reconhecimento.

Pereira (1996) afirmou que no final do século XIX, quando o positivismo domina o campo da história, a mulher era excluída do conhecimento histórico, uma vez que a ela cabia somente como objeto o que dizia respeito ao domínio do conhecimento elaborado pelos homens. Nesse sentido, a educação feminina era feita dentro da vida familiar, visando a preparar adequadamente para cumprir as funções do lar.

Assim, na história geral com a industrialização e a urbanização, aumentou ainda mais a demanda por educação. Viu-se a necessidade de agregar pessoas formadas para atuarem no mercado de trabalho e, assim, houve a necessidade de criar as escolas formadoras. Nos fins do século XIX surgiu a Escola Normal. Ela passou a ser vista pela mulher como uma oportunidade de continuar os estudos, atraindo moças de famílias abastadas que procuravam apenas elevar o grau de educação escolarizada, que representava prestígio social, por isso, era freqüentada por filhas da elite.

A Escola Normal se incumbiu de desenvolver o modelo de professora adequada para o atendimento às crianças e, posteriormente, foram destinadas à profissionalização da mulher. Assim, a Escola Normal foi importante na educação de Garotti, segundo ela, poderia ter um trabalho e ajudar sua família, afirmou: “[...]com um Curso Superior, logicamente ganhando mais, e com mais possibilidade de sustentá-la [...]” (GAROTTI, 2006).

No processo histórico, as escolas criadas passaram por críticas e reformulações devido à aplicação das reformas educacionais no sistema educativo, copiando o modelo europeu. Estas tinham como meta a renovação dos métodos e dos processos pedagógicos e o aprimoramento na formação de professores. Assim,

[...] as escolas normais deveriam formar professoras para um desempenho pedagógico calcado no humanismo, na competência e nos valores sociais. Essa educação, [...] deveria bastar, e as jovens brasileiras cresceriam com o destino profetizado de serem esposas, mães e, em caso de necessidade, professoras (ALMEIDA, 2004, p.75).

Com a idéia republicana de que a educação poderia resolver os problemas sociais e atender à expectativa da população, da família e da sociedade, surgiram as reformas educacionais. As reformas tinham o intuito de renovar o modelo de ensino tradicional e conservador da época. Seguiam o modelo educativo europeu, sem a preocupação com as diferenças da realidade brasileira. Esses aspectos tiveram peso na história da educação brasileira.

As Escolas Normais foram regidas por normas, ordem e valores religiosos. Vale ressaltar que “[...] houve grande preocupação em estabelecer normas que disciplinassem o corpo e fosse estabelecendo a interiorização de regras morais que regulassem o comportamento individual e social dos indivíduos na sociedade” (MENDONÇA, 2005, p. 39).

Fruto da ala tradicional e conservadora, as Escolas Normais veicularam a ideologia da elite. Com o decorrer do tempo essas instituições foram construindo sua identidade, evoluíram, formaram e qualificaram professores. Mas também ficou marcada como meio de propagar a ideologia dominante, manter a ordem, aumentar a diferenciação entre as classes sociais, ficando a formação intelectual para segundo plano:

A escola enquanto instituição do Estado, seria capaz de manter a unidade nacional através dos conteúdos, valores morais e culturais de maneira generalizada. Foi ainda, o recurso utilizado para dividir os indivíduos em classes sociais, estabelecendo a hierarquia entre elas a partir da ideologia de conformismo com a realidade social pregada pela classe detentora do poder governamental (MENDONÇA, 2005, p. 45).

A Escola Normal registrou a sua história como um mecanismo de exclusão, de disseminação dos padrões morais, religiosos e um instrumento para manipulação e disciplinamento da sociedade segundo os interesses da elite governante, excluindo a grande maioria da população da escola. Assim, “[...] a formação de professores (as) pela Escola Normal manteve-se sujeita às oscilações sociais, econômicas e políticas, de acordo com a ideologia do momento” (ALMEIDA, 2004, p. 89).

Nessa história houve um ponto positivo na educação da mulher: “[...] as Escolas Normais, silenciosamente [...] arrancaram as mulheres de seus enclausuramentos, elevando-as, instruindo-as e delas fazendo as primeiras professoras do Brasil” (ALMEIDA, op. cit., p.69).

Na PUC de Campinas Ilar optou, no curso de pedagogia, por orientação educacional. Assim, começou a exercer sua profissão trabalhando com orientação das pensionistas que moravam no Instituto Complementar São José.

Portanto, exercer a função de professor não é uma tarefa fácil, visto que a profissão,

[...] em todo o mundo, sempre foi mal remunerada e socialmente desprestigiada para quem exercia o magistério primário. Social e politicamente necessários, os professores poderiam ser mal formados, mas seriam vigiados e, por isso, instrumentos seguros para o controle social sem ‘violência’ ou força por parte das elites no poder (MENDONÇA, op. cit., p.65).

Dessa forma, ainda há muito para aprimorar a formação do professor, pois “[...] o sistema escolar continua sendo um importante meio de socialização, mas, regido por princípios da racionalidade do mercado: eficiência, eficácia, produtividade e êxito” (ALMEIDA, 2004, p.128). A autora ressalta ainda que, essa “[...] é uma lógica de

socialização amplamente difundida por meio de mecanismos que envolvem as sociedades em âmbito global” (ALMEIDA, op. cit., p.129).

Garotti na sua educação foi influenciada por todo esse processo, pois os métodos e modelos educacionais, perpetuam nas gerações futuras. Assim, na profissionalização feminina no magistério: “[...] as mulheres são herdeiras da tradição milenar da exploração e da violência, têm em si o potencial de formadoras de consciências e transmissoras das razões humanitárias para a não-violência enquanto praticam seu ato cotidiano de educar” (ALMEIDA, op. cit., p.105).

Dessa forma, compreende-se que há uma série de problemas na educação que interferem no trabalho dos professores, tais como: a multiplicidade de papéis, a indisciplina, o excesso de informações, a violência nas escolas, a jornada tripla de trabalho, os baixos salários e a burocracia.

Garotti relatou sobre a excessiva burocracia que havia na época em que atuou como professora na UFU. Havia dificuldade em exercer a função de ser professora, Narrou que na sua época de docência tinha como apoio “[...] o giz e o cuspe [...]” (GAROTTI, 2006).

Mesmo com a desvalorização da profissão docente, há de se reconhecer que o professor é uma presença importante na vida do ser humano no processo ensino-aprendizagem e na construção de valores. Freire (1996) afirma que o ato de ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética, estética, autonomia, humildade, tolerância, alegria, esperança, bom senso, apreensão da realidade, curiosidade, liberdade, autoridade, comprometimento, disponibilidade para o diálogo e a convicção de que mudar é possível.

Nessa perspectiva, para que o professor seja um bom educador e goste do ato de ensinar, é necessário que seja consciente do seu papel, de seu saber-fazer, da diversidade do contexto sócio-cultural do aluno e do meio escolar em que está inserido. Garotti, no seu percurso de educadora, relatou que estabeleceu uma relação de respeito e a inculcação de valores nos alunos, pois não dissociou educação e religião, como ela mesma relatou: “[...] todo professor tem um currículo oculto que é aquilo que você não fala, mas que aparece na sua conduta, na sua ética, no seu profissionalismo” (GAROTTI, 2006).

Dessa forma, o ser-professor é um processo de construção permanente em que nunca está pronto e acabado. Há que se aprimorar e articular os saberes da profissão à sua experiência com coerência entre o que fala e o que faz na prática educativa. Pois, no mundo globalizado, a sociedade assume novas formas, cria novos valores, novas culturas e novas linguagens. Assim, é importante aprimorar seu fazer através de uma formação permanente, uma postura ética e de respeito.

Segundo Garotti, para ser professor é importante ter vocação: “[...] eu distingo o professor que é vocacionado do que é mercenário. Mercenário é aquele que trabalha somente para ganhar dinheiro, mas não gosta da profissão. O professor tem que ser vocacionado, gostar do que faz, gostar da profissão” (GAROTTI, 2006). Porém, existem fatores que interferem no ser e no fazer da profissão, tais como: a rebeldia dos alunos, os baixos salários que levam à sobrecarga de trabalho e a tripla jornada em várias instituições. Assim, o professor é exposto a constantes situações estressantes.

Dessa forma, constata-se que esta profissão é cheia de complexidade. Nesse meio de tensões, estresse, desgaste físico e mental, para não adoecer, é necessário se adaptar às situações e buscar o equilíbrio “[...] o trabalho de educar tem tudo para ser o melhor e ao mesmo tempo é um tipo de trabalho dos mais delicados” (CODO, 1999, p.49). Ainda segundo essa mesma autora, “[...] todo trabalho envolve algum investimento afetivo por parte do trabalhador, quer seja na relação estabelecida com outros, quer mesmo na relação estabelecida com o produto do trabalho” (CODO, op. cit., p.50). Portanto, ter equilíbrio nas ações e gostar da profissão contribui de forma efetiva para que o trabalho seja sem prejuízo ao corpo e à mente.

Assim, com as rápidas transformações do mundo globalizado e as tensões geradas na profissão, levou a compreender as influências do contexto no processo de formação. A interação de Garotti com o meio social e político, possibilitou dar visibilidade às múltiplas redes de relações que foram construindo a sua identidade. Garotti colocou em relevo o enredo de uma história que se teceu através das experiências vividas e dos saberes construídos pela e na religião, permeada pelo poder.

Portanto, é importante conhecer alguns aspectos políticos da história geral, bem como compreender o dinamismo que regulou a vida social de Garotti, bem como, os princípios que nortearam as suas escolhas e suas ações, ancoradas politicamente.

2.3 – Teias do contexto político geral para tornar-se professora

Ao conhecermos alguns aspectos da vida de Garotti, focamos o estudo num período em que foi estudante e que houve determinações da Igreja no processo educacional. Nesse texto, analisar-se-á o período militar e as relações de força e poder estabelecidos e mantidos pela Igreja. Período esse em que Garotti foi diretora do Colégio Nossa Senhora e da FAFI.

O período militar durou 20 anos, foi considerado um período de trevas: “[...] esse regime de trevas contou com a participação ativa da cúpula da Igreja Católica, tanto quanto o desencadear do golpe foi realizado com o apoio de boa parte dessa mesma Igreja” (INÁCIO FILHO, 2002, p.39).

O ano de 1960 foi marcado pelo início da industrialização, o aumento da tecnologia e uma nova sociedade urbana. Nesse processo, a educação foi base essencial para o aprimoramento profissional. Com o significativo aumento da população houve grande procura pela escola, o que fez com que se ampliasse a rede oficial de ensino, além do que a educação profissionalizante era base para formação de mão-de-obra, requerida pelo processo de industrialização.

Durante o governo militar deu-se início também a lógica mercantilista da educação superior, isto é, estudava quem podia pagar. A Igreja controlava o processo educacional, normatizando o ensino religioso nas escolas como meio de divulgar os seus preceitos. Dessa maneira, a sociedade capitalista buscou utilizar-se da instituição escolar para transmitir ao sujeito o conhecimento necessário para a continuação do processo de produção em benefício da classe dominante.

Conforme Germano (2000) O princípio norteador do período era a segurança e o desenvolvimento. A segurança, no sentido de manter a ordem, era considerada pelo governo da época como condição necessária para o progresso nacional. Esses fatores foram importantes para manter a exploração dos trabalhadores e discipliná-los para que não houvesse contestações.

Assim, a educação passou a desempenhar um importante papel na função de gerir, promover e formar mão-de-obra barata. O Estado passou também a exercer um grande controle político-ideológico na educação em todos os níveis de ensino, pois vinculou o ensino superior ao mercado e ao projeto de modernização, de acordo com o capitalismo internacional.

Assim, a educação teve como atribuição formar o capital humano para o trabalho, pois estava vinculada ao mercado e moldada pela ideologia desenvolvimentista e de segurança nacional. O sujeito foi moldado à lógica capitalista para dar lucro. Germano (2000) ressalta que, com o avanço do capitalismo, houve a necessidade de mão-de-obra qualificada e concomitante a esse processo a expansão escolar.

O ensino superior se expandiu, principalmente no caráter privado, pois recebia do governo verbas públicas. Tornou-se uma estratégia para a reprodução e ampliação da classe média, pois eram consumidores e movimentavam o mercado. Dessa forma, era necessário controlar o campo acadêmico, neutralizar as ações de contestação do movimento estudantil, ligado a organizações populares e mantê-lo sob rígido controle. O regime militar produzia “[...] um discurso de valorização da educação e transforma a política educacional numa estratégia de hegemonia, num veículo para a obtenção de consenso” (GERMANO, 2000, p. 104).

A luta do movimento estudantil era na defesa do ensino público e gratuito em oposição às escolas isoladas particulares. Pleiteavam a eliminação do setor privado por absorção pública, além de criticar o modelo universitário. As instituições do ensino superior sofreram profundas fragmentações em sua organização interna, as universidades passaram a ser problema.

Dessa forma, nesse período, o governo passou a escolher os Reitores e Diretores das Universidades e Faculdades Federais. Esses gestores deveriam se responsabilizar pela ordem e pela contenção da mobilização estudantil. Qualquer movimento era arrebatado pelas forças armadas com o uso da violência.

Esses fatores derrubaram o movimento estudantil e mantiveram sob vigilância as universidades públicas, tidas como foco de subversão. Foram expulsas várias lideranças do ensino superior, “Assim em abril de 1969 vem à tona mais um ciclo repressivo, aposentando compulsoriamente vários professores da USP e de outras universidades, quase todos portadores de grande projeção intelectual no país e no exterior” (GERMANO, 2000, p. 111).

Nesse período, foram decretados Atos Institucionais e Decretos que reprimiam qualquer tipo de críticas ao governo, os quais também deixavam claro a força do regime militar:

O Ato Complementar nº. 75 de 21/10/1969, decretava o fim da carreira científica dos pesquisadores atingidos pelos Atos Institucionais ao impedi-los de não somente trabalhar nas universidades, mas também de realizar pesquisas em instituições direta ou indiretamente subvencionadas ao Estado, violando, desse modo, um dos princípios fundamentais da Declaração Universal dos Direitos do Homem, o direito e a liberdade ao trabalho (GERMANO, 2000, p.111).

Esses fatores levaram à expansão do setor privado, pois muitos professores fundaram centros de estudos fora da universidade. No período militar, o ensino superior também teve influência do modelo norte-americano de universidade. Foram distribuídas bolsas de estudo nos Estados Unidos para professores bolsistas, estabelecendo vários acordos entre a USAID e o Ministério da Educação e Cultura – MEC.

O convênio MEC-USAID visava organizar e controlar uma equipe de assessoria ao planejamento do ensino superior, reunindo técnicos brasileiros e norte-americanos para moldar ao processo de formação como meio de aumentar a produção industrial e agrícola do Brasil. No ano de 1968, desse processo foi escolhido um Grupo de Trabalho – GT, no MEC, através de um decreto presidencial, a designação de 11 componentes para apresentar um projeto de reforma Universitária. Esta foi baseada nos estudos produzidos pelo convênio MEC-USAID:

O Relatório partia do pressuposto de que a educação era essencial ao desenvolvimento econômico da sociedade e sugeria a adoção de medidas [...] como: sistema de créditos, organização departamental, ciclo básico e ciclo profissional etc. Ao lado disso, concedia também grande ênfase à privatização do ensino (GERMANO, op. cit., p.123 - 124).

A reforma universitária foi um meio que o governo militar utilizou para assegurar o controle e a ordem, para modernizar o ensino superior, sem romper com os interesses da elite conservadora, mantendo as decisões nas mãos de poucos e idealizando a privatização. De acordo com os projetos ideológicos do regime militar, evidenciava-se o domínio e a unificação da força moral da Igreja com a força física dos militares. Assim, “[...] a ‘Educação Moral e Cívica’, o combate à chamada subversão comunista, a difusão da idéia de ‘Brasil-potência’ e a necessidade da existência de um Estado forte e poderoso, para combater os seus inimigos internos e externos e promover o ‘desenvolvimento’” (GERMANO, 2000, p.135).

A partir de 1970, a política governamental para a área foi estimular a pós-graduação e a capacitação docente, visto que foram criadas “[...] empresas estatais que empregavam alta tecnologia e demandavam o desenvolvimento de pesquisa científica e tecnológica” (GERMANO, op. cit., p.147), a maioria dessas empresas estavam vinculada às Forças Armadas. Este investimento buscava também reduzir a dependência científica e tecnológica do país. Com a pós-graduação deu-se início à pesquisa universitária mesmo com pouco investimento público.

Nesse sentido, faz-se necessário conhecer alguns aspectos políticos de Uberlândia no período militar, para compreender as interfaces do contexto vivido e experienciado por Garotti.

2.4 – Caminhos trilhados pela professora na cidade de Uberlândia

Em 1950, Uberlândia iniciou a idealização de escolas superiores, atrelada à política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek de Oliveira. Havia na região uma grande carência de mão-de-obra especializada. O espaço escolhido para receber uma escola de ensino superior foi o colégio Nossa Senhora das Lágrimas, que tinha uma edificação arquitetônica imponente frente a outras edificações da cidade. Era uma escola mantida pela Igreja Católica e, nesse período, cuidava da educação da elite uberlandense do sexo feminino.

Em 1957, foi fundada a primeira escola de ensino superior, o Conservatório Musical de Uberlândia. Em 1969, através de decreto, foi nomeada a Faculdade de Artes, onde funcionavam os cursos de música e de artes plásticas. Abriram-se, assim, as portas para a criação de novas escolas superiores. Então, foram criadas escolas isoladas, como a Faculdade de Direito (1960), construída pelo povo uberlandense, através de contribuição de 50 contos de Réis.

Segundo Caetano (1988), a FAFI foi tida como a primeira instituição de ensino superior a oferecer formação na área de humanas, com os cursos: Pedagogia, Letras Anglo-Germânicas e Letras Neo-Latinas. Usou o espaço do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas onde a base de orientação era católica, além do que, o curso de Pedagogia era composto apenas por mulheres.

Ir. Maria Lázara Fioroni, no ano de 1960, fundou a FAFI, conforme os princípios da Igreja e do Estado, para manter a ordem e o progresso e a fim de que o comunismo e a maçonaria não dominassem o saber.



Figura 13 - Faculdade de Filosofia
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti – 1962

A base educacional do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas era confessional, mantido pela Igreja Católica, era freqüentado pelas filhas da elite uberlandense. Tinha como objetivo evangelizar e catequizar. Eram oferecidos inúmeros cursos: “[...] cursos noturnos para empregadas domésticas e cursos de ‘doutrina social’, além dos encontros de formação religiosa” (INÁCIO FILHO, 2002, p. 62).

Segundo Ramos (2003) o Colégio das freiras, tinha a função de vigiar e zelar pelo bom comportamento das meninas, além de cuidar da disciplina, moral, paz, harmonia e espírito casto entre as alunas. As alunas internas seriam cuidadas quanto à alimentação, higiene, saúde, disciplina, educação e instrução. Eram também oferecidas atividades de retiros espirituais, aulas de etiqueta e doutrina social.

Em 1962, Garotti assumiu a direção do colégio Nossa Senhora das Lágrimas e da FAFI. Relatou que o seu maior suporte administrativo foi a confiança que sempre depositaram nela, somando à sua experiência de vida, a sua formação de personalidade, a sua fé, a motivação da Madre e o apoio de uma equipe de trabalho sólida e de confiança.

Quando chegou a Uberlândia e viu aquele enorme colégio, relatou: “[...] me assustei! No início senti medo. Depois fui me adaptando com a nova realidade. O prédio